



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Amanda de Paula Mendes

**UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA DA
PUJA DE TARA VERDE**

JOÃO PESSOA – PB
2016

Amanda de Paula Mendes

**UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA DA
PUJA DE TARA VERDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do curso de graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba sob orientação do Professor Dr. DeyveRedyson como requisito para obtenção do Título de bacharel em Ciências das Religiões.

JOÃO PESSOA – PB
2016

M538a Mendes, Amanda de Paula.

Uma análise hermenêutica da Puja de Tara Verde / Amanda de Paula Mendes. – João Pessoa: UFPB, 2016.

76f. ; il.

Orientador: Deyve Redyson

Monografia (graduação em Ciências das Religiões - bacharelado) – UFPB/CE

1. Puja de Tara. 2. Rito. 3. Devoção. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 242-5(043.2)

Amanda de Paula Mendes

**UMA ANÁLISE HERMENÊUTICA DA
PUJA DE TARA VERDE**

Monografia submetida à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. DeyveRedyson Melo dos Santos
Orientador

Prof. Dra. Maria Lucia AbaurreGnerre

Profa. Msc. Karla Samara dos Santos Sousa

João Pessoa, 10 de Junho de 2016

Agradecimento

É difícil agradecer de algum modo, pois nos momentos serenos e ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da minha vida, por isso primeiramente agradeço ao meu Deus por ter me proporcionado saúde e força para superar as dificuldades.

A minha mãe, Ana Cristina e vó Edite Lima, que em tudo fizeram para que eu chegasse a uma universidade, em meio a lutas e superações, estamos unidas e juntas nós três, como uma trindade, que unidas somos e podemos tudo, a elas sou grata. Agradeço também a Marcílio Farias quem me consolou quando o humor sumiu e as lágrimas caíram que sempre me dizia que tudo vai da certo e me segurou firme e me amou mesmo chata e sem paciência alguma.

A esta universidade, seu corpo docente, discente também, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior e ético aqui presentes.

Ao meu orientador Deyve Redyson, pelo suporte desde o segundo período e o tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos, que foram essências na construção desse trabalho.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo trazer uma interpretação da Puja (ritual) de Tara Verde, a principal manifestação feminina do budismo Tibetano e desse modo demonstrar a perspectiva de analisar o rito a ela dedicado e a todas as suas oferendas, como cada uma traz um sentido mítico e real na vida do praticante. Também neste trabalho, veremos como Tara se manifesta na existência de uma realidade intrínseca, onde abordaremos também as principais manifestações de Taras, sendo elas, Tara Branca, Tara Vermelha e Tara Verde, onde apreciaremos cada uma como são, os seus méritos e sabedorias devotados a cada uma delas, desde suas singularidades, características e comparações, resultando como se deu sua iluminação perfeita e como seu compromisso de sempre nascer em corpo feminino, fizesse que ela fosse sempre vista como a Grande Salvadora, a Salvadora Veloz, a Mãe de Todos os Budas, e entre seus vários nomes, contemplaremos a forma de como se cultua Tara dentro deste ritual, em uma das principais linhagens tibetanas.

Palavras- chaves: Puja de Tara; rito; devoção; manifestação; corpo feminino

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
CAPITULO 1	12
TARA VERDE NO BUDISMO TIBETANO.....	12
1.1 Perspectivas da história de Tara	17
CAPÍTULO 2	26
AS VINTE E UMAS TARAS	26
CAPITULO 3	52
A PUJA DE TARA VERDE	52
3.1 Compreendendo a Prática de Tara Verde	53
3.2 Prece ao Guru Rinpoche (Prece de Sete Linhas)	54
CONCLUSÃO.....	63
ANEXO.....	63
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por principal finalidade fazer um estudo acadêmico sobre a deidade budista Tara Verde, isto é, uma apresentação de como o praticante budista entende e vivencia sua filosofia e sua prática. A nossa percepção e desenvoltura na maneira de pensar o universo budista, não nos permite ir muito além daquilo que nos é permitido entender dos sentidos das práticas budistas e nos apegamos a uma estrutura que nos permita perceber de modo mais racional possível. Os tibetanos, inseridos na sua cultura, praticam e vivenciam este ritual, assim como outros, como uma experiência interna com os Budas e Bodhisatvas, movimentando-se no mundo de modo muito mais amplo. É muito comum para os tibetanos também, perceberem o mundo com realizações históricas e míticas, ainda que contraditórias, um mundo real onde a história e os mitos se interajam e se completem.

O Budismo, que adentrou no Tibete por volta do século VII d.C, possui várias divindades (deidades) que em um certo sentido podem ser chamadas de sagradas, e dentre elas podemos encontrar a figura de Tara, que em todas as suas representações aparece como uma mulher, e que está relacionada diretamente ao budismo tântrico do Vajrayana. Os tibetanos desde pequenos se envolvem com esse mundo divino, são raros os questionamentos a sua natureza de existência, eles sentem uma devoção natural por essas divindades e realizam rituais e práticas meditativas relacionadas a eles.

A busca pela prática tântrica de Tara Verde tem crescido no Brasil, isso pode ser comprovado pelo número de sanghas budistas tibetanas que vem crescendo a cada dia, não só pelo aspecto de quem seria Tara, mas também o interesse por outras manifestações do Tibete, como Tchenrezig, Manjushri, Sangue Menla (Buda da Medicina) etc e por passar pelas superfícies da experiência do caminho e alcançar a lucidez. Outra coisa que deve ser mencionada será a dificuldade que tivemos com relação ao material disponível sobre Tara, grande parte disponibilizado em língua inglesa como os trabalhos de Bokar Rinpoche (2007) e Stephen Beyer (2001) que analisam detalhadamente nosso objeto de pesquisa, além das publicações de Chagdud Khadro (2009), Lama Thubten Yeshe (2006) e Lama Gonsar Rinpoche (1996).

Tendo em vista essa perspectiva, nosso trabalho parte uma análise hermenêutica da Puja de Tara na tentativa de explicar o rito dedicado a Tara Verde, a partir de um olhar científico e ao mesmo tempo do praticante, do olhar daquele que tem por devoção o seu ritual. Apresentamos os elementos que compõe a Puja de Tara Verde, como ela se

inicia como ela se desenvolve sempre fundamentada na prece das sete linhas, prece esta que está presente em quase todas as pujas tibetanas, ressaltaremos ainda um pouco sobre o conteúdo desta prece, que servirá para melhor compreensão da Puja de Tara Verde, como se dá seus estados de devoção e finalmente sua conclusão e concretização tântrica, despontando como o mantra revela seu poder e todas as auspiciosidades da Mãe de todos os Budas, como Tara é chamada.

Sua análise se dá pela compreensão da manifestação de Tara, em seu processo de iluminação perfeita, o caminho percorrido por ela, como ser comum, como se resulta o renascimento dela e de como chegar a iluminação sempre nascendo em corpo feminino. Conforme vamos adentrando no ser divino, Tara é quem auxilia a fazer nascer o pensamento da iluminação no praticante, sendo então uma espécie de espelho, sabedoria interior dos homens, que implica na transformação e expansão da consciência rumo à liberação dosamsara.

O ritual a Tara Verde foi escolhido baseado em sua importância tântrica, sendo utilizada a Puja sagrada, traduzida diretamente do tibetano pela Comunidade KagyuPemdeGyantso (KPG) localizada em Brasília (DF), tendo em vista que é uma das principais práticas do Budismo Tibetano, sendo aquela que liberta como quem guia os viajantes, sendo a responsável pela travessia no samsara. Uma compreensão mais clara para se entender a importância de Tara, seria a seguinte ilustração: Quando crianças, nós procuramos por nossas mães e buscando por ajuda, onde nela entendemos que encontramos, pois ela é quem nos protege de perigos imediatos, aquela que nos orienta e incentiva em nosso crescimento.

Tara é uma deidade feminina do budismo Vajrayana, onde inclui-se uma diversidade de métodos de meditação, para despertar rapidamente o bem para todos os seres sensientes, Tara é a mãe da compaixão, a emanção feminina do Buda, aquela que não pode ser separada do despertar da iluminação. Seu culto continua até hoje desde culturas mais antigas, até as mais contemporâneas, a busca não apenas por mulheres, como muitos supõe, mas por muitos de toda a parte do mundo, principalmente aqui no Brasil, onde tem crescido, resgatando a sacralidade feminina, dentro do Budismo Tibetano.

Ao longo das explicações feitas por ChagdudKhadro, LamaPadmaSantem, Nick Dudka, SylvieLuetjohann, dentre outros que utilizamos ao longo da pesquisa, nos permitiram ler a trajetória de Tara da seguinte maneira: posteriormente uma extensa meditação em retiro, ela alcançou o condição de *Anutpada* ou *não origem*, termo este

que terá melhor compreensão ao longo da pesquisa, mas este é o nível mais ativo de meditação existente dentro do budismo, grau este que permitia ver o real estado da mente e os fenômenos como *incriados*, sem início, sem limites, tais conceitos utilizados por alguns dos autores, cada um em sua respectiva interpretação. O rito da puja de Tara se inicia com a prece ao Guru Rinpoche, que é a prece das sete linhas, esta prece é até hoje uma das invocações mais frequentes e praticadas dentro das linhagens tibetanas (Nyingma, Kagyu, Gelug e Sakya), ao decorrer de nossa análise abordaremos essa prece e adentraremos hermeneuticamente nela, de modo que não percamos o foco dessa pesquisa, no entanto, sua importância é tão grande, que é preciso narrar um pouco de sua estrutura, com isso poderemos compreender a puja de Tara Verde de uma forma melhor.

Usaremos os fundamentos teóricos e metodológicos da hermenêutica filosófica, baseada em Hans Georg Gadamer (1900-2002) e na interpretação de Lawrence Schmidt, onde é feita uma leitura e comentário de *Verdade e Método* de Gadamer, nos trazendo a ideia de que com “*a experiência da verdade na compreensão das ciências humanas e a fundamentação ontológica da hermenêutica na linguagem*” (SCHMIDT, 2012, p. 141). Através do método hermenêutico será possível analisar a puja de Tara, como uma composição literária, onde ela por si mesmo se explique, onde em seu próprio texto poderá ser encontrado as respostas para as nossas perguntas, assim com Gadamer nos permitimos abarcar, nossa compreensão do alicerce do conhecer, que só podemos captar tal sentido do texto quando fazemos uma espécie de desfragmentação da puja, para que nele possamos entender sua essência, sendo esse nosso anseio, a projeção da essência de Tara, em seu próprio ritual, como surge o desejo e como o anseio em praticar ser ritual se revela de maneira magnífica, tornando ela antes mesmo de ser o auxílio pela libertação do sofrimento. Ela é o desejo pela própria busca e pela prática. Com ajuda do método hermenêutico de Gadamer, onde nos é apontado uma direção, somos levados a uma tarefa de integração com essa verdade, no caso a Puja, em nossas vidas, pois poderemos então analisar o texto buscando sua realização (verdade) e como essa realização, se aplica na vida daqueles que ela praticam, ressaltando que a busca será por uma compreensão mais ampla e não a negação, tão pouco a afirmação de uma veracidade do Ritual de Tara Verde, até por que analisamos a ideia de acordo com a relação do mito e da história de Tara, onde nosso objetivo não é afirmar ou negar as realizações contidas e encontradas pelos

praticantes, apenas buscamos trilhar uma leitura sobre o caminho feito por Tara e que o praticante se espelha e vive.

No primeiro capítulo trataremos da figura de Tara Verde no Budismo Tibetano, suas circunstâncias, onde relataremos o mito de origem de Tara através de suas principais fontes disponíveis. No segundo capítulo descreveremos as Vinte uma Taras, sua prática e sua interpretação através de uma das mais belas e principais Thankas tibetanas que representam iconograficamente as Vinte e uma Taras. No terceiro capítulo trabalharemos com a análise hermenêutica da Puja de Tara Verde, comentando seus passos durante a prática e buscando uma tentativa de interpretação. Não que conseguiremos chegar a uma análise perfeita, ou pelo menos adequada a sua prática, mas tentar, através de elementos nas obras pesquisadas, um caminho para a compreensão do tantra de Tara Verde.

Tentando então envolveras perspectivas contidas na puja em uma estrutura simbólica do tantra de Tara, mesclando como as experiências vividas dessa mesma perspectiva e verdade textual nos relatos e comentários de pesquisadores e mestres praticantes, chegamos a algumas vertentes. Argumentando sempre a partir da experiência do praticante, não se baseando apenas em métodos, mas também em um olhar fenomênico do ritual de Tara Verde. Apresentando afirmações críticas e analisadas de cada momento do ritual em si, sempre obedecendo a ordem de cada momento do ritual, desde o início, meio e fim. Nesse trabalho também pretendemos seguir a tradição budista Tibetana, pois será nela que o culto a Tara, está inserido e com isso enxergar uma razão mais lógica na devoção dos praticantes desta prática, mediando entre a verdade racional e fenomênica, seguindo um método hermenêutico.

CAPITULO 1

TARA VERDE NO BUDISMO TIBETANO

Apresentamos inicialmente um breve relato histórico de Tara, de como suas várias histórias são vistas e percebidas dentro do budismo tibetano. Tara é uma deidade¹feminina do budismo Vajrayana algumas vezes considerado como uma extensão do budismo Mahayana, o budismo Vajrayana, inclui uma diversidade de métodos de meditação, para despertar rapidamente a lucidez para todos os seres sensientes. Ao analisar Tara, e como seu culto (ritual/puja) é realizado, percebemos que não existe uma realidade intrínseca, que se passa no interior, no íntimo, que não existem circunstâncias entre homem e mulher, que o seu acúmulo de mérito e sabedoria, resultou em uma iluminação perfeita, que seu compromisso em nascer em corpo feminino, foi um gesto que resultou em tal iluminação, sendo vista não apenas como a Grande Salvadora, mas como um *Bodhisattva*², aquela digna de compaixão pelos seres.

Bokar Rinpoche nos dá uma melhor compreensão do surgimento de Tara, ele nos descreve que o surgimento da Suprema Mãe Libertadora, esta diretamente relacionada ao tantra. Sendo assim podemos construir uma análise dos aspectos de Tara, ainda que seja impossível dar uma origem de fato baseada na explicação de Rinpoche. O tantra seria algo como na abordagem segundo:

Em sentido literal o termo refere-se a natureza da mente, a mente além de qualquer elaboração psicológica, em toda a sua pureza. Continuidade é a presença na base, aquilo que somos agora, caminho e resultado. (BOKAR RINPOCHE. 1993, p. 1)

Bokar Rinpoche nos direciona a uma percepção do que seria tantra, para melhor compreender Tara, nos apresenta como se da à revelação de Tara no tantra, nos mostra

¹ Deidade pode ser descrita como uma espécie de representação de um Buda ou da manifestação de um Buda que se aproxima muito da expressão divindade, mais de alguma forma evitada pelo povo tibetano para que não se confunda o Buda, mestre dos mestres, com uma deidade, portanto manifestação de um Buda. Cf. SCHUMANN, Hans Wolfgang. *Las Imágenes del Budismo. Diccionario Iconográfico*. Madrid. 2007, p. 145.

² A palavra *Bodhisattva* é masculina, é um ser que despertou a *Bodhicitta* (mente iluminada) e que empenha-se em buscar a iluminação de todos os seres e por isso renasce por inúmeras vidas para poder propiciar esta dádiva aos seres. Dessa forma Tara é um *Bodhisattva* feminino transcendental, entretanto aqui quisemos enfatizar a feminilidade desta deidade, pois segundo Schumann, Tara como *Bodhisattva feminino* transcendental entrou no panteão Mahayana muito tarde, apenas no século VI e que a forma feminina da palavra *Bodhisattva* não se utiliza, ver SCHUMANN, Hans Wolfgang. *Las Imágenes del Budismo. Diccionario Iconográfico*. Madrid. 2007, p. 145.

também que a origem desses tantras, não podem ser encontradas no período que se quer ou que se busque, segue:

Os tantras pertencem à onisciência dos Budas que transmitem um tantra na medida em que é necessário numa determinada época, assim é impossível dar-lhes uma origem, na realidade eles são eternos. Da mesma forma o tantra de Tara qual reside no conhecimento eterno dos budas, já foi revelado durante muitos kalpas no passado, antes de ser revelado no nosso tempo.(BOKAR RINPOCHE. 1993, p. 3)

Conforme vamos adentrar na fala de Rinpoche, ele nos relata que foi o próprio Buda Sakyamuni, que revelou durante o seu processo de meditação, onde ele buscava a perfeita iluminação, narrada no texto:

A noite que procedeu ao seu despertar, enquanto sentando sob a árvore Bodhi, Sakyamuni foi atacado por uma horda de demônios que tentavam distraí-lo de seu objetivo. Naquele momento, Tara apareceu e com oito grandes risadas fez os demônios caírem no chão, e pararem de prejudicar o Buda. O Buda então colocou sua mente em estado perfeita de meditação e atingiu o despertar, depois disto ele revelou o tantra de Tara.(BOKAR RINPOCHE. 1993, p. 3)

Se formos nos aventurar na tentativa de explicar a identidade de Tara, quem Tara é, conceituar Tara, sua realidade, sua verdade, sua essência, não alcançaremos, pois, Tara não pode ser explicada no sentido tibetano do termo ou da prática, não é possível descrever algo que representa a própria natureza da mente (como Budas e Bodhisatvas), algo que é e não se torna, que sempre existiu e não surgiu, mas:

A nossa maneira comum de pensar e a verdade indiscutível e aquela que vai além do pensamento comum. Esta dupla identidade de Tara não é uma contradição, uma não nega a outra. Desde o ponto de vista absoluto, por causa de sua natureza como deidade desperta. (BOKAR RINPOCHE. 1993, p. 4)

Esta explicação literária é a de melhor significação para o que não se pode ser definido, para tentar esclarecer quem seria essa deidade ou divindade, pois é algo que também não é específico para essa que se esquivava de razões e explicações, que não precisa de provas de sua existência, pois é a essência da porção, essa que é o próprio: *“Domínio do despertar de si mesmo, e a experiência em si mesma do puro despertar. Sem intelecto, sem raciocínio, nenhuma palavra pode prendê-la ou expressá-*

la.”(BOKAR RINPOCHE, 1993, p.4), ou seja, não buscamos nesse capítulo amarrações conceituais para que dê significado a quem já é e não se torna.

Com tantas imprecisões de como conceituar Tara ou até mesmo defini-la para melhor entendê-la, onde já sabemos que não é necessário dentro de sua própria construção de ser, enquanto deidade ou até mesmo divindade, pois o conhecimento ocidental necessita de um julgamento ou explicação da coisa em si, tendo visto como mito de origem, não é preciso um discurso ou justificativa que seja racional ou dogmático. E se formos traduzir não o conceito ou a explicação de quem seria Tara, mas a ideia da totalidade que então Tara é: “*Tara além do tempo, espaço e todos os conceitos – é a mãe de todos os Budas*”. (BOKAR RINPOCHE, 1993, p.5)

Narrativas diversas reverenciam à Tara de várias maneiras, são as mais diferentes expressões a ela mencionadas, dentre estas expressões encontramos: *Aquela que gera a vida, A Mãe da compaixão e da sabedoria, A Rainha Celeste, A Grande Protetora, A Grande Salvadora, A Libertadora Veloz*, entre vários outros nomes, esta divindade ou deidade, tem como finalidade fazer com que o povo tibetano alcance a libertação do samsara. A então conhecida como Tara, a fonte suprema de sustentação, proteção, cura e libertação deste povo, também é conhecida como *Senhora do Barco*, ela conduz a alma de quem atravessa a corrente do samsara rumo à distante margem do nirvana, mas dentre tantas as terminologias a ela devotadas e proporcionadas, “*a mãe que origina todos os Budas*” (SAMTEN, p.10), é a que mais idealiza a grandeza de quem é Tara no mundo tibetano.

Tara tem o poder eterno de salvar as criaturas atravessando-os com total segurança pelo horrível oceano da existência fenomênica, que seria o samsara. O barco representa um símbolo de salvação, nos dando a noção que seria a mais próxima, que também vem a mente dos praticantes, pois essa simbologia remete a libertação, logo Tara é a Grande Deusa Bondosa que acalma a correnteza, com o apoio de suas inúmeras barqueiras trabalhando para salvar náufragos, da existência no samsara.

Tara é o exemplo da Sabedoria interna, aquela que reside em todos os seres sencientes, que está dentro, que já faz parte e precisam ser despertados, seres estes que os praticantes fazem parte, os protegendo e guiando no mais profundo inconsciente, ajudando a libertá-lo para a consciência, não apenas em uma narrativa mítica, mas essa relação de guiar no profundo do próprio inconsciente, e auxiliar ao praticante, a encontrar um caminho dentro de si mesmo, que o possibilite a achar a iluminação que está em si mesmo, como se lêssemos Tara, como uma espécie de um guia interior, que

conduz em nós não só o despertar do desejo pela iluminação, mas nos guia de como enfrentar a nós mesmos.

Como propusemos abordar sobre Tara Verde nesse trabalho, é preciso detalhar um pouco suas características e como ela é representada, no entanto nesse capítulo ilustraremos especificamente Tara Verde e suas singularidades que definem bem o que transmite sua imagem ao praticante. Tara Verde está sentada sobre uma flor de lótus surgindo de um lago, porém quase todos os Budas e Taras são apresentados sobre o lótus, sentados ou de pé, característica marcante dentro do Budismo Tibetano.



Fonte: http://www.santosmedita.org.br/wp-content/uploads/2013/04/Tara_Verde2.jpg

Ela veste roupas de realeza, com diversas cores e ornamentada com joias, em sua cabeça há uma tiara com joias e um rubi ao centro simbolizando Amitabha, seu pai espiritual da família búdica do lótus. Cada mão mostra um mudra que são os gestos com as mãos e segura um caule de uma flor de lótus com uma flor aberta e dois botões, indicando o alcance de sua atividade em todos os tempos, sua perna esquerda está

encolhida, indicando sua renúncia às paixões mundanas, mas a perna direita se estende e sai da flor, indicando sua agilidade para ajudar todos os seres. Cada um de seus mudras tem um significado, o da mão direita representa o “dar-oferecer”, indicando sua habilidade para oferecer a todos os seres o que eles necessitam, enquanto que o da mão esquerda, na altura de seu coração, faz o mudra do “oferecer refúgio”. Cada Tara tem um símbolo que segura em suas mãos e um mudra, onde cada um a caracteriza, como a Mãe de todos os budas: “[...], como um sino que soa ao ser tocado, são perfeitos em sua finitude, manifestação maravilhosa da natureza básica atuando sob condições. O frescor e o alívio dessa compreensão são bênçãos de Tara.” (SAMTEN. 1997, p.21)

Mas como Tara é cercada de simbologia e cada detalhe nela presente, remete a algo e traz consigo uma interpretação e significado, existe uma leitura mais detalhada de suas peculiaridades e seus adereços, rica em minúcia e exatidão, que foi mencionado pelo primeiro Dalai Lama, como no texto é assim reproduzido:

Sentada num lótus, que significa a concretização do vazio, (tués) a deusa cor de esmeralda, com um rosto e dois braços, em pleno viço juvenil, com a perna direita esticada, a esquerda encolhida, com o que tu queres mostrar a unidade da sabedoria e do método hábil – venerada sejas!

Como um galho esticado da árvore celestial cor de turquesa a tua macia mão direita faz o gesto da cessação dos desejos e convida os sábios para uma festa da concretização superior como se fosse um puro prazer – venerada sejas!

Tua mão esquerda concede refugio e nos mostra as Três Joias; E nos diz: “Vós, criaturas, vede os cem perigos, não tenhais medo – em passos rápidos eu vos salvarei!” Venerada sejas!(DUDKA, LUETJOANN. 2009, p. 74)

Tais versos repletos de detalhes, descritos tão bem, de fácil leitura e interpretação, sua imagem apresentada aos praticantes, onde sua manifestação aparece de várias formas, mas quase sempre na cor verde. O frescor e o conforto dessa compreensão são bênçãos de Tara, por que até mesmo compreendê-la é um ato dela mesma, pois aquele que a compreende, a busca e a pratica, aquele que de fato busca em tentar conhecê-la, por ela se encanta, fascina e a exercita, uma breve ilustração que traduz tal conceito, é estar apaixonado, e a cada instante que se conhece, se aproxima e se fascina um pouco mais, se busca viver de fato em sua plenitude e totalidade, assim é o mesmo com quem se propõe em conhecer Tara.

Nos versos referidos podemos observar como o primeiro Dalai Lama a descreve minuciosamente e todos os símbolos e significado dado, permitindo que adentremos em seu ritual e prática, com melhor noção de quem é ou o que seja Tara. Conseguimos

então perceber que são várias as manifestações de Tara, para ser mais específico vinte e uma, mas com dominação na cor verde. “*Shayamatara significa literalmente Tara escura, mas esse escuro sempre é apresentado como verde.*” (DUDKA, LUETJOHANN, 2009, p.74), tal cor traz a noção de raivosa para salvar mais rápido aqueles que a buscam, dos perigos e ultrapassar os medos da existência, cor que também faz nascer nela sua atividade afetuosa de todos os budas.

Assim, por exemplo, Tara salva – literalmente- de naufrágio e afogamento, mas também, no sentido figurado, do nosso sofrimento emocional de “naufragar” na vida e afundar na sucção das ilusões. Ela não destrói pequenos obstáculos, o que seria muito mais função das divindades coléricas; ela antes nos conduz como uma estrela-guia através deles, transcendendo-os. O maior e mais constante obstáculo que temos que atravessar é o mar do nosso próprio espírito com suas correntes turbulentas de pensamentos, para cuja travessia Tara nos dá coragem e força. Ela encarna a sabedoria, a sabedoria salvadora de que precisamos para com as palavras de *Prajnaparamita*, “chegar à outra margem”. Quando com isso chegamos à raiz do nosso pensamento e alcançamos o silêncio interior, a nossa consciência e energia espiritual podem brilhar sem esforço sobre todos os obstáculos e ultrapassar perigos, armadilhas e apegos. (DUDKA, LUTJOHANN 2009, p.77)

Percebemos então a semelhança entre Tara e Prajnaparamita, nos levando enxergar elas como a vacuidade, que ao buscarmos elas, nos esvaziamos de nós, enquanto ser e nos elevamos ao caminho de busca da iluminação.

1.1 Perspectivas da história de Tara

São muitas as histórias e mitos que envolvem a figura de Tara, várias são as narrativas em volta de seu surgimento, em algumas de suas muitas histórias, uma delas é narrada por Khadro, que em uma longa meditação em retiro, IesheDaua (*Yeshe Dawa – Tara*) atingiu o altíssimo estado de *Anutpada* ou *não origem*, sendo este o mais elevado nível de meditação existente, quando podia ver o real estado da mente e os fenômenos como *incriados*, sem início, sem limites. Ao interpretarmos os comentários de Khadro, encontramos uma das mais conhecidas histórias sobre Tara, pois esta é uma das que mais utilizaremos para melhor compreender a figura de Tara, nesse texto encontramos a seguinte história:

Incontáveis eras atrás, em um tempo além do início do nosso tempo, um Buda apareceu em uma esfera planetária chamada Profusão de

Luzes. Uma princesa desse reino, chamada Lua de Sabedoria, desenvolveu grande fé e devoção pelo Buda. Ela prestou homenagens com seu corpo, fala e mente, ao fazer inúmeras oferendas ao Buda e ao seu séquito. (KHADRO. 2007, p.1)

Dessa forma ela decidiu fazer um voto, o voto do Bodhisatva, com tal voto, os monges se alegraram por ver essa iniciativa de Ieshe (Lua de Sabedoria) e perceberam que ela iria alcançar méritos grandiosos e à aconselharam a orar para conseguir renascer em corpo masculino em vidas futuras, pois assim poderia alcançar mais rápido um estado perfeito de iluminação, mais do que em um corpo feminino. Mas como princesa não enxergava dessa forma e aborrecida com o pensamento dos monges, ela teria afirmado:

Não há homem ou mulheres, nem ego, nem personalidade ou consciência. Os rótulos “masculino” e “feminino” não tem essência, mas maculam ainda mais este mundo enganoso. Muitos desejam a iluminação em corpo masculino, mas há poucos que, em corpo feminino, trabalhem pelo benefício dos seres sencientes. Portanto, até que samsara esteja esvaziado, trabalharei, em corpo feminino, para benefício de todos os seres sencientes. (SAMTEN. 1997, p. 20)

Assim IesheDaua, assumiu o compromisso de renascer em corpo feminino, já que existiam poucos os renascimentos em corpo de mulher e com este compromisso e promessa praticou e a realizou em verdade absoluta. Ela prometeu ao Buda, defender a todos os seres na mais profunda vastidão das dez direções, passando a ter vários nomes, como *imediate* e *heroica*, até se tornar por sua atividade, a corporificação de todos os Budas. Logo, Tara é uma *deidade meditacional*, cuja qual se alcança por meio da meditação, sua revelação está contida no processo de meditar. Tara é quem ajuda a fazer nascer o pensamento de iluminação no praticante, se tornando um exemplo de sabedoria interior, que implica na transformação e expansão da consciência rumo à liberdade e o seu ritual é conhecido como a Puja de Tara.

Em outro relato de Dudka e Luetjohann, sobre a origem de Tara, conta-se que o Buda Amitabha sentia grande compaixão e sempre que enxergava o sofrimento do mundo ou de algum ser vivo, sua compaixão se manifestava em Avalokiteshvara, Amitabha seria a personificação de Avalokiteshvara, onde sua cabeça podia ser reconhecida como a mais alta de suas onze cabeças. Sendo aquele que observa as criaturas de cima com absoluta compaixão.

Consiste que o surgimento de Avalokiteshvara, que antecede o mito do aparecimento de Tara. Dessa forma, Tara surge de uma lágrima de Amitabha ou de um

raio de seu olho direito, onde então ele viu o sofrimento das criaturas ao seu redor e promete a Amitabha só abandonar o samsara quando elevar todos os seres a libertação e se caso ele não conseguisse realizar sua promessa, seu corpo poderia ser partido em mil pedaços e sua cabeça em dez partes.

De acordo com a tradição, diante da visão de todo sofrimento, ele teria derramado duas lágrimas, que se transformaram na Tara Verde e na Tara Branca. Ambas ficaram desde então a seu lado. Também Vajrapani ofereceu-lhe ajuda em sua forma colérica com “Senhor da Energia”, o que intensificou ainda mais o seu poder. (DUDKA, LUTJOHANN. 2009,p.63)

Com essa imensa compaixão pelos seres vivos, embora ele se esforçasse incessantemente para ajudar os seres, sentia grande tristeza que tantos seres continuassem caindo sem socorro nos mais baixos reinos de existência, ele viu que muito poucos seres estavam fazendo progresso no caminho para iluminação, em desespero absoluto, por imensa compaixão, Avalokiteshvara chorou em angústia, enquanto ele pedia que fosse melhor que o seu corpo se despedaçasse, do que ele não poder cumprir a sua tarefa salvar os seres vivos do sofrimento e nesse instante, com suas lágrimas de compaixão, surgiu a deusa, Tara do coração de Avalokiteshvara, no modo de manifestação, para realizar as vontades do Buda e beneficiar os seres.

Vista como a Mãe Libertadora, pelos praticantes, Tara auxilia a superar e a libertar os seres dos oitos grandes medos, que são os arremessos das negatividades da mente, esses medos são representados da seguinte maneira:

[...] O medo de elefantes, a projeção da ignorância; o medo do fogo, a projeção da raiva; o medo de leões, a projeção do orgulho, o medo de ladrões, a projeção das visões errôneas, o medo de enchentes, a projeção da ganância, o medo de cobras, a projeção da inveja; o medo de algemas (encarceramento), a projeção da avareza; e o medo de demônios; a projeção das dúvidas. Esta classificação tradicional dos medos abrange todos os medos e fobias que se originam de nossos hábitos de apego a aversão. (KHADRO. 2007, p. 2)

Cada um desses oitos medos é um modo figurativo de um medo maior projetado na mente, Tara limpa tais medos e perigos do ego, oferecendo a libertação do sofrimento, como somos apegados a esses medos cotidianos, que são de natureza humana, o de não conseguir o que se deseja o de não ser capaz de enfrentar o perigo, o medo da dor, medos comuns por assim dizer, que estão emaranhados em nosso dia a dia. O medo é o aprisionamento ao apego do ego, pois quanto mais preso ao eu, maior é o pavor de não suportá-lo e auxiliando em superá-los Tara, é conhecida como a

Salvadora Veloz. De fato, estes medos já se configurariam como as quatro nobres verdades.

Tara tem o poder de ajudar aqueles que a buscam com confiança e de todo coração sem reserva ou dúvidas de sua intervenção. Tal ajuda é a junção da devoção do praticante com a compaixão de Tara, devemos observar tal relação não através da racionalidade, mas pelo fenômeno em si, a própria Tara. Como podemos ver são várias as histórias que veiculam Tara, cada uma na sua particularidade e veracidade, cabendo ao praticante colocar sua devoção, manifestado como aspecto feminino, porque este tipo de energia é característica do feminino.

Tara não é mulher no sentido de gênero, mas assim vista e percebida pelos que a buscam, e nem todos os homens e mulheres têm o potencial para se manifestar como Tara, devido ao seu compromisso e seu processo de iluminação. *“É a forma sutil de Tara. Está além dos referenciais, é espacialidade, vacuidade e compaixão. Por ser o samadhi da iluminação, é a experiência-mãe de todos os budas – os vitoriosos.”* (SAMTEN. 1997, p.24)

Percebemos então, que Tara é um estado de consciência, um estado de realização, é a ação grandiosa e competente, em outras palavras, quando desenvolvemos a qualidade de Tara, ainda que em nossas mentes, eliminamos a preguiça e ativamos uma poderosa fonte de energia, na busca pelo desejo da iluminação.

Quando questionamos sobre a razão de Tara renascer em corpo feminino, percebemos que um homem busca a completa realização, assim os monges nos levam a entender este aspecto de alguma forma, *“Tara é o aspecto feminino de buda, e da mesma forma que ela é indissociável do estado desperto iluminado de buda, todas as deidades femininas são aspectos de Tara e indissociáveis dela.”* (KHADRO, 2007, p.3)

Tara é como uma deidade pessoal na realização do caminho da iluminação, mediante homens e mulheres, desde o início da prática até alcançarem a iluminação e o aperfeiçoando da energia de Tara, até por que a leitura que os monges dão para que ela renasça como homem, seria a única forma possível de alcançar a iluminação e ela percebe que tal iluminação ultrapassa o conceito de gênero, pois em seus conselhos os monges, dizem: *“Devido a suas raízes de virtude, se você, neste corpo atual, rezar para numa próxima vida tornar-se um homem e praticar os ensinamentos, obterá sucesso. Isso é o que deve fazer, e, ao final, em corpo masculino, poderá atingir a iluminação”* (SAMTEN. 1997, p.19).

Podemos compreender então, que Tara distingue que quando rejeitamos a qualidade feminina, rejeitamos a própria vida, pois se observamos quando os monges dizem para que ela reze no corpo atual, corpo este de mulher, reze pedindo que renasça em corpo masculino, existe certo desprezo ou apego a ideia de que um corpo feminino, não possa ser capaz de alcançar a iluminação, diferentemente de um corpo masculino, assim os monges veem:

“Homens ou mulheres são apenas denominações criadas pela confusão das mentes perversas deste mundo. Ela disse que havia muitos que seguiam o caminho em corpo de homem e poucos em corpo de mulher. Assim por mim mesma enquanto o samsara não se esvaziar eu irei beneficiar os seres aparecendo em corpo feminino, tal foi sua promessa.” (RIMPOCHE. 1993, p. 5)

Reconhecer que não seria uma filosofia, tão pouco algum conhecimento filosófico, que pudesse nos instruir que não se pode rejeitar ou desapreciar a qualidade feminina, na busca pelo estado de felicidade permanente, e admitir então que precisaríamos dessa energia feminina, que cercou Tara, em todo o seu processo meditativo, para só então, chegarmos perto de compreender melhor o desejo do coração de Tara.

Sabemos que homens e mulheres têm potencial de alcançar a iluminação mais rapidamente (como um yogue, por exemplo) a que chamamos de Tara, difícil de alcançar, mas possível, com seu auxílio, pois temos um corpo físico e um corpo de consciência que convivem numa realidade diferente a que Tara viveu e é possível transformá-los e dar-lhes identidade através da emanção da luz verde, que seria a pratica do ritual de Tara.

Este ponto é muito importante e nem sempre será de fácil compreensão por parte de uma leitura ocidental, cuja mente absorvida pela racionalidade de uma abordagem científica, necessitando de uma explicação lógica e muitas vezes palpável, onde esta realidade da consciência ou da mente é essencialmente humana, egocêntrica, talvez e não depende de crenças, nem mesmo para quem não acredita assim, Tara manifestar-se de formas muito diferentes.

O presente especial de Tara ao mundo já soa no seu nome: em sua raiz está contido *salvar* e *libertar*, especialmente a inter-relação com a imagem *atravessar o mar*, mas também *estrela [espalhada no céu como estrelas]*. Assim, Tara não é só a sabedoria salvadora e libertadora, mas também a estrela-guia. Em suas próprias palavras, resume-se isso tudo da seguinte maneira: *Eu as guiarei (criaturas)*

através do rio caudaloso dos múltiplos horrores. Por isso os grandes videntes deste mundo me louvam como a Tara.(DUDKA, LUTJOHANN. 2009, p.73)

Dentro da prática de Tara Verde é a mais conhecida nas práticas tibetanas por estar diretamente vinculada a atividade da compaixão, Tara Branca, também conhecida por compaixão consolidada mais nos rituais de cura e serenidade enquanto que a Tara Vermelha é invocada para atrair prosperidade.

A prática de Tara, seja qual for sua cor, por se tratar de um bodhisatva, é uma prática vastamente voltada à compaixão pelos seres e convencionalmente utilizada para compreender sua presença no ambiente.

Prestamos homenagens às vinte e uma Taras, que emanam como deusas das famílias, Padma, Vajra, Ratna e Carma. Os métodos que empregamos para atingir as qualidades iluminadas de Tara, sendo transmitidas por muitas linhagens perfeitas de praticantes altamente realizados do budismo Tibetano. (KHADRO. 2007, p. 3)

Por que o praticante que vive e entende Tara, não no sentido intelectual que por ventura buscamos, mas na devoção de que ela é e faz com que enfrentamos diariamente, medos, fobias, não apenas materiais e táteis, mas o cósmico e imaterial, talvez até interno nosso mesmo. Tara é o caminho mais singular e veloz da libertação do samsara e dos medos, aquela que digna de compaixão pelos seres. Aquela que torna simples os medos e permeiam as coisas com indulto, aquela que salva os migrantes nessa vida e desprende, aquela que é o caminho da iluminação oculto em nós, essa é Tara, a mãe dos conquistadores, a Salvadora Veloz!

Uma outra perspectiva importante que deverá ser explicitada aqui nos é retratada por GosarRimpoche, que ao mesmo tempo que nos reporta a significação tântrica de Tara, em sua prática, revela-se no que este autor chama de *Três Significados de Tara*. Podemos perceber que a relação do tantra se mostra conectado com alguma coisa, para GonsarRimpoche a conexão que há esta revelada nos significados que esta prática realiza:

“A prática do Tantra de Tara está em três níveis: nível externo, interno e secreto. Estes três níveis estão interconectados e, na realidade, são aspectos diferentes da mesma deidade” (GONSAR RIMPOCHE, 1996, p. 27)

O *Significado Externo* de Tara representa-se no estado da deidade feminina capaz de libertar todos os seres de suas lamentações, esta pode ser a representação em que a figura de Tara está mais personificada como Tara Verde, sua principal representação. Para o autor, será desta Tara que temos todas aquelas perspectivas históricas e míticas. O *Significado Interno* de Tara simboliza para GonsarRimpoche o aspecto particular da mente búdica, isto é, Tara, para ele, representa uma atividade física, verbal e mental do Buda, quer dizer, a energia que liberará os seres sencientes, com a finalidade de pacificar, aumentar, controlar a atividade infinita dos Budas. Por fim, o *Significado Secreto*, é a forma mais profunda de compreensão de Tara, pois é nesta forma de significado que encontraremos Tara como energia sutil e livre de qualquer impureza, aqui podemos ver a importância fundamental do tantra de Tara que realiza os desejos do praticantes em direção a iluminação na lucidez. Segundo GonsarRimpoche:

“Em algumas mandalas tântricas podemos ver os cinco Dhyani Budas e suas consortes. Na realidade, os Dhyani Budas representam o estado totalmente purificado de nossos agregados: forma, sensação, discernimento, fatores mentais e consciência. E suas cinco consortes representam os cinco elementos: terra, água, ar ou energia, fogo e espaço. Quando nossos cinco elementos se purificam se convertem nas cinco consortes. Destes cinco elementos, Tara é a representação do elemento ar. Este ar ou energia tem uma cor verdosa. Está é a razão por que Tara é quase sempre de cor verde” (GONSAR RIMPOCHE, 1996, p. 31).

A partir da análise do GonsarRimpocheem sua obra, percebemos que o tantra de Tara está grandemente relacionado aos Cinco Dhyani Budas, que segundo Redyson “Estão atrelados aos cinco elementos cósmicos ou *Skandhas*: forma, percepção, sensação, disposições mentais e consciência. São os Budas meditativos que se apresentam através das cores” (REDYSON, 2012, p. 102). Assim podem ser representados os Cinco Dhyani Budas:

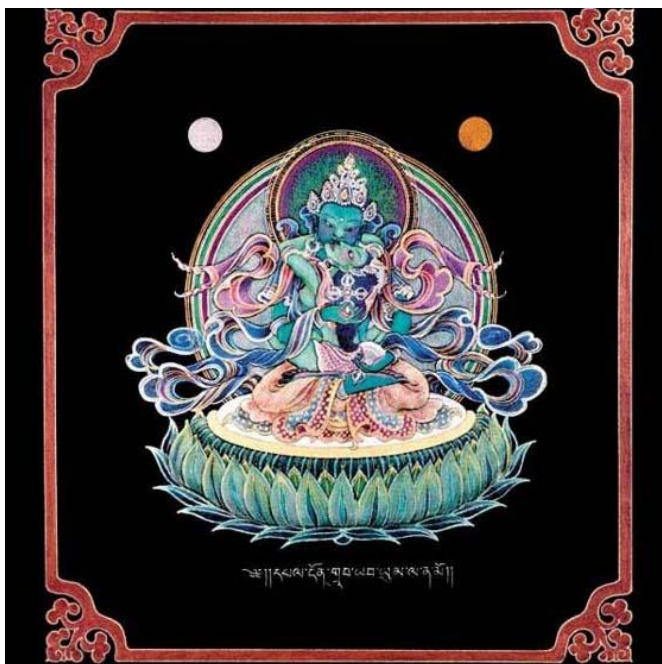


Fonte: <http://www.exoticindiaart.com/article/dhyanibuddhas/>

Os cinco são *Ratnasambhava*(amarelo), *Akshobya*(Azul), *Vairocana* (branco), *Amithaba*(vermelho) e *Amogasiddhi* (Verde). As relações com suas consortes revelam o segredo tântrico de suas realizações. E podem assim ser representadas:

Os Cinco Budas da Meditação (Dhyani)	As Cinco Consortes dos Dhiany Budas
Buda Vairocana (Forma)	PrajnaDharmadhatvishari Representação do elemento éter
Buda Akshobya (Consciência)	PrajnaLocana Representação do elemento água
Buda Amithaba (Percepção)	PrajnaPandara Representação do elemento fogo
Buda Ratnasambhava (Sensação)	PrajnaMamaki Representação do elemento terra
Buda Amogasiddhi (Formação mental)	PrajnaSamayatara Representação do elemento ar

Tara seria uma forma de ser representada como a consorte *PrajnaSamaytara*, consorte do Buda Amogasiddhi (de cor verde) e assim pode ser representada iconograficamente juntamente com seu Dhyani Buda:



Fonte: <http://www.sintoniasaintgermain.com.br/bdhyani.html>

Tara nos veículos tântricos representa o ar ou a energia que emana dos Budas, dessa forma, a deidade Tara se torna a *Mãe abençoada*, que posteriormente poderá ser equiparada com *prajnaparamita* também, que ao mesmo tempo tem o mesmo objetivo de liberar os seres sensientes do samara. Ainda para GonsarRimpoche:

“Tara se envolve como parte de nós. Este é o sentido autêntico de Tara secreta do qual, geralmente, não se fala muito. Quando se recitam as orações gerais de Tara, não se menciona este nível, somente se faz nas práticas de Tara que pertencem ao Tantra Supremo” (GONSAR RIMPOCHE, 1996, p. 31).

Aqui podemos perceber que o sentido secreto de Tara se revela através da consorte do Dhyani Buda Amogasiddhi que representa a energia ou ar, que em um sentido verde, do termo, representa o próprio praticante, isto é, esta não tão mencionada prática que GonsarRimpoche nos traz revela, em nível primário, o rito de iniciação em Tara Verde que é realizados pelos praticantes que nela buscam refúgio e proteção através de seu culto ritual.

CAPÍTULO 2

AS VINTE E UMAS TARAS

São várias as representações de Tara, que produzem uma variada forma da divindade, caracterizada por sua cor, números de braços, expressões, posturas e objetos que seguram nas mãos. Cada uma traz consigo uma manifestação, onde todas as 21 estão agrupadas em torno da Tara Verde a principal.



Fonte: <http://dakini lounge.blogspot.com.br/2007/07/as-21-formas-de-tara.html>

Em uma das mais conhecidas *thankas*³ do mundo tibetano, podemos encontrar a representação de Tara Verde cercada pelas vinte e uma Taras, com o Buda Shakyamuni acima ao centro que significa o poder de manifestação de Tara. A *thanka* demonstra um espécie de encontro celestial, uma forma de representar o universo dos Budas. Na *thanka* de Tara se vê aspectos como a forma, a cor, o gesto, as expressões, enfim demonstra a visualidade de Tara.

São vários aspectos de Tara, mas o principal é o de Tara Verde, sua forma pacífica como já vimos anteriormente, com sua presteza de proteger os seres do medo e do perigo, mas como são vinte e uma Taras, examinamos que cada uma corresponde a uma louvação singular, onde apresentaremos o louvor a cada uma ofertado e suas características, que singulariza cada uma delas e existem rituais específicos para cada uma, as principais cultuadas são Tara Verde, Tara Branca e Tara Vermelha, cada um com seu ritual específico, de modo superficial traremos a história de Tara Branca e Tara Vermelha, pois nosso objetivo principal é o de Tara Verde. Primeiro precisamos entender que as formas variam, mas as divindades femininas são de uma mesma essência, todas elas, todas sendo Prajnaparamita, perfeição do conhecimento, como BokarRinpotche diz:

A perfeição do conhecimento não tem forma, é o vazio do Corpo Absoluto (Darmakaya). Esse vazio, no entanto, como nós explicamos anteriormente, tem a capacidade de se manifestar em estado puro como o Corpo de Fruição (Sambhogakaya). É no nível do Corpo de Fruição que divindades femininas como Tara, Vajravahi (DorjePamo), e muitas outras que aprece todas elas são em essência a perfeição do conhecimento ou a própria natureza de nossa mente. (RINPOCHE, Bokar. 2014, p. 18)

Esse fragmento nos leva a concluir que Tara poderia ser também Prajnaparamita, em seu conceito de ser enquanto divindade, porque a identificação com a figura feminina evoca, no Tibete, a imagem feminina e, portanto chamada de *perfeição da sabedoria ou perfeição do conhecimento*.

³ Pintura clássica tibetana criada para demonstrar o universo budista representado em suas deidades em formas pacíficas ou iradas. Geralmente as *thankas*, são utilizadas durante as pujas ou mesmo para ornamentações dos templos.

Tara Branca



Fonte: http://www.sakyabrasil.org/Sakya_Trizin_Brasil_2011/tara_branca.html

Em sua manifestação como Tara Branca, ela expressa a compaixão maternal e oferta a cura aos seres que estão machucados ou doentes, seja física ou mentalmente, ela esta ligada diretamente a longevidade. Sua cor traz um arquétipo de pureza, onde ela representa a Verdade completa e indiferenciada. Seus adereços são como de um Bodhisattva, desde cores e adornos. Suas características são possuir sete olhos, são os dois de costume, um no centro da testa, outros em suas mãos e pés, representando o seu poder de ver todo o sofrimento em todos os cantos do mundo humano, ela segura em uma de suas mãos a flor de lótus e a outra é voltada para baixo, onde simboliza sua compaixão.

Samaya Tara é como também é conhecida, ela também fez um voto de renascer em corpo feminino e a promessa de salvar todos os seres, voto este de um Bodhisattva, onde se enxerga amor, compaixão, alegria e constância. Tara Branca por ser vista como profunda sabedoria, sua pratica ajuda com problemas de longo prazo, sendo de saúde ou mental.

Tara Branca, entre várias Taras, ocupa um lugar especial ao lado de Tara Verde, gozando de grande notoriedade em razão de sua atividade de gerar longa vida. Tara Branca não é uma deidade diferente das outras Taras, não existe história separada que recontre sua origem, o que a difere das outras é sua atividade particular da proteção concedida pela deidade. Seu mantra é o mesmo que o de Tara Verde, apenas se é incluído um final específico devido à solicitação de longa vida. Mantra original (Tara Verde): *OM TARE TUTTARE TURE SOHA*. Fim específico a Tara Branca: *MAMA AYU PUNYE JNANA PUTRIN KURU SOHA*.

Tara Vermelha



Fonte: <http://bodisatva.com.br/wp-content/uploads/2011/10/Tara-Vermelha.-Templo-Caminho-do-Meio...jpg>

Como já foi dito não existe uma história que possa recontar a origem ou surgimento de Tara, pois como percebemos com a pesquisa, é a mesma para as três principais, de uma princesa que realizou profunda meditação que atingiu o estado mais elevado e recusando os conselhos dos monges, assumiu o compromisso de renascer em corpo feminino, para libertação de todos os seres, sendo essa sua promessa particular, mas suas peculiaridades as tornam tão ricas em detalhes e suas características singulares, revelando não apenas suas diferenças estéticas, mas de auxílio que podemos compreender melhor o desejo pela busca em cada uma delas, pelos praticantes. Baseado nos comentários de Khadro, sabemos que era Tara Vermelha que oferece libertação de qualquer medo contido no sofrimento samsárico, ou seja, contido nesse mundo.

O tesouro de Tara Vermelha constitui um ciclo extenso que inclui práticas preliminares, ioga dos sonhos, práticas curativas, ioga dos canais sutis e energias (tib. *Tzalong*) e ensinamentos extensos sobre a natureza da mente. (KHADRO. 2007, p. 7)

O mantra de Tara Vermelha OM TARE TAM SOHA é recitado três, sete, vinte e uma ou cento e oito vezes, ou múltiplos de cento e oito, contados em uma mala. Seu mantra traz projeção da essência de sua fala iluminada, traz a competência de fazer com o que é dito seja entendido respectivamente, a sua capacidade de projetar voz sem esforço de modo que todos ouçam e entenda perfeitamente seu significado, e também todas as qualidades de conformidade e lucidez. O poder intenso de seu mantra, anula o afastamento ilusório entre nós e os outros, que vivenciamos dentro de um estado desperto não dualista à ação natural da sabedoria de Tara. Onde seu grande objetivo é de remover o véu que encobre nossa mente e nos revelar as qualidades de compaixão e estado desperto.

Sendo então Tara a mãe de todos os vitoriosos, “*Tara é o espaço-mãe da vacuidade, o darmakaia, a base de todos os fenômenos.*” (KHADRO. 2007, p.11), a sua invocação se institui logo de imediato e ao praticá-la se baseia numa condição mais elevada de compreensão, onde sua meditação nos leva além das descrições verbais dos três Kaias, ela nos leva em direção a um entendimento que não pode ser conceituado, pois não existe separação de sua noção e absoluta.

A Tara Branca e a Tara Verde devem ter surgido de duas lágrimas de Avalokisteshvara, que ele derramou devido tanto desamparo quanto ao incessante e contínuo sofrimento no samsara. Por estas razões, e muitas outras, Tara personifica-se como à senhora da compaixão, da sabedoria, da libertação e se torna a *Mãe de todos os Budas*. Uma de suas manifestações, também pode ser encontrada em *Prajnaparamita (Perfeição da Sabedoria)*, onde se traz libertação e sabedoria oferecendo reconhecimento da realidade última dos fenômenos quando no *Sutra do Coração* se diz “*forma é vazio, vazio é forma, forma nada mais é do que vazio, vazio nada mais é do que forma*” pode se ver esta identificação.

O dever então de Tara por seu voto particular é de libertar os seres dos oitos grandes medos, que são as projeções das negatividades da mente que podem assim ser visualizados.

Representação Iconográfica das Vinte e Uma Taras

1. Pravira Tara (RaptuPaueiDrolma)



A libertadora de perfeita coragem (Vermelha). Tem duas mãos sobre a cabeça com um vajra e um sino fazendo o mudra da grande felicidade. Nas outras mãos tem um arco e flecha, a roda do Dharma e uma espada, concha e uma corda.

*Oro a rápida e corajosa Tara,
Aquele que é como um flash de luz,
Tara surgiu de uma flor de lótus aberta
Nascida de uma lagrima
Do senhor da compaixão.
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.8)*

O mito de surgimento dessa Tara Vermelha, é de que das lágrimas de Avalokiteshvara, surge Tara, a Divindade da Atividade Mística, Fonte de Energia Iluminadora, fazendo voto de ajudar a libertar os seres rapidamente. Luz de seus olhos emanou, iluminando os três reinos do mundo, o mundo dos Nagas que está abaixo da superfície da terra, o reino dos humanos e o reino dos deuses.

2. Chandrakanti Tara (Dagang ki Drolma)



A libertadora que possui o brilho da lua (Branca). Possui três rostos e três corpos, que representam o direito azul, central branco e o esquerdo dourado. Os seus 12 braços são os doze fatores interdependentes. Segura nas mãos guirlandas, dorje (vajra), a roda do Dharma, joias, pujas, jarros do tesouro, sino e flor de lótus.

*Oro aquela cuja face é sublime,
Mente branca,
Brilhando com a luz de cem luas
Cheias de outono,
Ela brilha com a luz
De milhares de estrelas.
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.8)*

Ela é a brilhante branca, a incorporação da Sabedoria. Ela concede a perfeita sabedoria que desprende a todos os seres. Ela é o próprio som sagrado de *OM* desde o qual toda a criação que dela emana. Ela é a protetora das artes, da música, da dança, da palavra escrita e qualquer instrumento de inspiração. Ela é conhecida como a *TARA DA LONGA VIDA*, pelos os que a buscam e praticam.

3. Kanakavarna Tara (Serdoktchen Gui Drolma)



A libertadora dourada (cor de ouro). Seus dez braços representam os dez paramitas, nas mãos direitas, segura malas, tridente, vajra, flecha e espada, nas mãos esquerdas, segura laço de seda, lótus branco, arco e o sino.

Oro aquela com o corpo verde dourado

Sua mão adornada com uma

De lótus aberta ele segura

As seis perfeições,

Generosa e austera.

Diligente e pacífica

Paciente e meditativa.

(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.9)

A flor de lótus que ela está sentada, simboliza pureza, é um símbolo de criação, a sabedoria feminina que dá surgimento à mente iluminada. Essas são algumas das qualidades de Tara, qualidades estas virtuosas que consolidam a mente consentindo que ela adquira a sabedoria transcendental.

4. Ushnishavijaya Tara (TsuktorNamparGuieIueiDrolma)



A libertadora perfeitamente vitoriosa que possui protuberância na coroa, perfeitamente vitoriosa. Em suas mãos direitas, segura um mala e na outra mão faz o mudra da generosidade. Nas mãos esquerdas, segura um jarro e um bastão.

*Brilhando como uma montanha
Dourada de compaixão
“Oro aquela que habita na
Vitória infinita, sentada
Sobre as cabeças dos Budas,
Servida por aqueles de virtude transcendental.”
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.9)*

Ela vence sobre os problemas duradouros da vida tão bem como sobre todos os escurecimentos do mente. Ela é a Mãe de todos os Budas e assim ela decora seus nós de cabeça. Ela é servida pelos Bodhisatwas, aqueles cheios de virtude transcendental. Eles confiam nela em sua prática das Perfeições, na busca pela libertação.

5. Humsvara-nadini Tara (HungdradrokpeiDrolma)



A libertadora que produz o som do Hung (amarela). Com a mão direita faz o mudra da proteção e com a mão esquerda o mudra das três joias e segura um lótus. Sua cor brilha como o sol.

*Oro aquela que preenche o espaço completo,
Com o mantra de TutareHung,
Ela pressiona os sete mundos com os pés,
Ela tem o poder de controlar
E submeter a todos eles.*
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.9)

O mantra da Tara amarela em sua invocação é o *TutareHung*, ao entoarmos esse mantra, que por sua vez representa sabedoria e compaixão, ele remove todos os medos da existência, fazendo com que Tara amarela pressione com seus pés os sete reinos do mundo, tais sete reinos, se referem aos reinos do samsara, inferno, fantasmas famintos, animais, humanos, deuses invejosos e deuses do desejo. Tara invoca todas estas forças destes reinos, colocando os seres em benção da felicidade, por meio da inteligência da mente, examinando o samsara e dominando a sua ilusão, isto ocorre ao praticante que busca Tara amarela e a invoca.

6. Trailokya-vijaya Tara (Djikten Sum Le Nampargueluei)



A libertadora que venceu os três mundos (vermelha), possui quatro braços e segura nas mãos direitas: espada e dorje, nas mãos esquerdas uma corda e exhibe o mudra ameaçador. Tara está merecedora de honrarias.

*Oro aquela quem os deuses
fazem oferendas,
mesmo os espíritos
prejudiciais se curvam
e se rendem a ela.*
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.9)

Ela é a venerada por todos os grandes Deuses, os Deuses do Fogo, os Deuses do Reino dos Desejos, pelo Deus do Vento, e por vários outros. Ela é que subjuga a todos os maus espíritos, cura doenças causadas por eles. Ela simboliza o estado além do samsara ao qual mesmo os Grandes Deuses do Universo absorvem.

7. Vadi-pramardaka Tara (GoluaJompeiDrolma)



A libertadora que venceu a hostilidade (Preta) identifica-se de forma irada, segura nas mãos direitas a espada e a roda do Dharma, nas mãos esquerdas faz o mudra ameaçador e segura uma corda.

*Oro aquela que conquista as ordes
De inimigos, através de
Trat e Pat
Ela pisoteia com suas solas de pés,
Ela senta com a perna direita dobrada
E a esquerda esticada,
Brilhando na bruma resplandecente
Uma feroz chama de fogo.*
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.10)

Seu mantra é colérico e enfático, qualquer força negativa que seja de fora e desafie o praticante, ela dissolve completamente, acabando com qualquer instrumento. Sua perna direita representa sabedoria e a esquerda compaixão, elas pressionam o samsara, onde o smasara é o estado de ter que ininterruptamente renascer, sobre o controle do Karma. Tara traz consigo a chama brilhante do fogo, vista como o Conhecimento de Sabedoria, que decorre desde seu corpo.

8. Vashitottamada Tara (UangtchokTerueiDrolma)



A libertadora que dá a iniciação sublime. (dourada). Está sentada em cima de uma makara (espécie de monstro marinho) e tem nas mãos um ramo de Ashoka, joias, jarro e um lótus.

*Oro aquela que triunfa sobre todos
Os pensamentos prejudiciais,
Vencendo-os através de Ture
E seu aspecto aterrorizador,
Com a face de lótus franzida
Ela acaba com todos os inimigos
Da verdade emoções prejudiciais
E véus da mente.
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.10)*

Esta Tara tem expressão enfurecida, seu corpo brilhante, sentada em um crocodilo. O *Ture* é parte de seu mantra, onde em sua prece é mencionada, em sua oração podemos observar que mesmo que seja mencionada apenas uma fração de seu mantra, ele é capaz de vencer os inimigos internos à iluminação e o apego a própria mente. Ela possui grande energia e ênfase, remove todos os perigos.

9. Varada Tara (TchokTsölueiDrolma)



A libertadora que concede o sublime (vermelha). Tem duas mãos sobre a cabeça que fazem o mudra do regozijo que seguram um dorje e um sino. Na outra mão esquerda segura um ramo de ashoka.

*Oro aquela cujos dedos
Adornam seu coração,
No mudra da tripla gema,
Luz irradia desde a roda em sua mão.*
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.10)

A mão esquerda que está no coração, com o mudra da Gema Tripla, representa o Buddha, o Dharma e a Shanga. O mudra é feito com o polegar tocando o dedo anular, os outros se desdobram com a palma virada para o lado de fora, que representa também o *não medo*. Já o mudra da mão direita, é com o polegar e o dedo indicador se tocando com os dedos apontados para baixo, com a palma para fora, simbolizando um gesto da garantia de bênçãos, poderes e realizações.

10. Shoka-vinodana Tara (Nya-ngenSeluiDrolma)



A libertadora que dissipa o sofrimento (vermelha). Tem duas mãos sobre a cabeça fazendo o mudra do regozijo em palmas unidas. Na mão direita segura uma espada e na outra esquerda um ramo de ashoka.

*Oro aquela cujo diadema
Brilha irradiando luz,
Sua risada alegre
Por Tutare trás ao mundo
Sob o seu poder.*
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.11)

A descrição dessa Tara é de que sua coroa de joias é adornada pela presença dos cinco Budas de Sabedoria, com grande alegria ela entoia o mantra de Remoção Dos Medos, ela preenche todos os desejos e remove todos os obstáculos.

11. Jagadvashi Tara (DrouaGukpeiDrolma)



A libertadora que reúne os seres (preta). Em forma irada. Segura um gancho em cada uma das mãos para reunir os seres.

*Oro aquela que comanda
Os protetores dos mundos,
Ela salva a todos do desastre
Com a silaba Hung.*
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.11)

Esta Tara reúne os guardiães das dez direções, comanda para que realizem suas atividades magicas divinas. Estas forças naturais de bondade respondem a ela espontaneamente. Ela liberta a todos os aflitos pelo infortúnio ou pelo sofrimento, ela resgata os empobrecidos.

12. Mangalaloka Tara (TrashinangueiDrolma)



A libertadora de luz auspiciosa (Dourada). Nas mãos direitas, ela segura um dorje, um tridente e um gancho. Nas mãos esquerdas, segura uma espada, joias, gancho, bastão e um jarro.

*Oro aquela cujo diadema
É uma lua crescente,
Seus ornamentos emanam
Filamentos de luz brilhante,
O Buda Amitaba senta no
Topo de sua cabeça.*
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.11)

Seus ornamentos dourados são de uma beleza tamanha, coroa, brincos, colares, braceletes, cotoveleiras, cintos e tornozeleiras, todos brilham com luz. Sua beleza faz surgir vida, crescimento e iluminação.

13. Paripachaka Tara (YongsuMinpardzepelDrolma)



A libertadora que conduz ao amadurecimento completo (vermelha). Em uma mão direita segura uma espada e na outra uma flecha, em uma esquerda a roda do Dharma e na outra um arco.

*Oro aquela que esta no centro
Da guirlanda flamejante como
O fogo do final de todos os tempos
Subjugando a toda a resistência,
Ela gira a roda do Dharma.*
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.11)

Sua guirlanda em chamas que envolvem a Tara, essa chama é o fogo da sabedoria que transcorre desde o seu corpo. Estas mesmas chamas consomem a desilusão, traz grande alegria a aqueles que a seguem em um caminho espiritual. Não podendo nada resistir a essas chamas de sabedoria, ao girar na roda do Dharma, ela ensina verdade, com sua cor de força magnética, ela atrai todos para a irresistível verdade.

14. Bhrikuti Tara (TronyerYoueiDrolma)



A libertadora que franze as sobrancelhas (Preta). Possui três rostos, um branco, um preto e outro vermelho, seis braços. Nas mãos direita segura uma espada, gancho, bastão, nas esquerdas, a roda do Dharma, uma calota craniana e corda.

*Oro a ela que faz tremer a terra
Com sua palma, ela detém e conquista
Os setes submundos com
O som de Hung feitos com suas
Sobrancelhas franzidas.
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.11)*

Decorada por escalpos, três olhos vermelhos e atirando raios desde a sílaba *Hung* nas palmas das mãos e nas solas dos pés. Onde sua mão esquerda fere o chão fazendo o dedo indicador ameaçar, pois isto acorda os seres de seu estado benévolo. Já em sua mão direita segurando o bastão, o raio simboliza os seus meios talentosos que é a sua compaixão. São setes raios, todos os reinos do samsara, onde os seres lutam e sofrem na falta de saber. Esta sílaba *Hung*, tão mencionada nas preces a Tara, e nesta em especial que é por meio dessa sílaba que os efeitos dela se manifestam, é a afirmação enfurecida e enfática de sua brutalidade afetuosa.

15. Mahashanti Tara (ShiuaTchenmöDrolma)



A libertadora de grande paz (branca). Ela tem seis braços, onde nas mãos direitas, ela segura um mala, um bastão e faz mudra da generosidade, já com as mãos esquerdas, ela segura um jarro, uma flor de lótus e uma taça cheia de frutas.

*Oro aquela que é benção,
Virtude e paz,
Sua atividade é paz além
De todo o sofrimento
Com OM e SOHA, ela destrói
Os maiores pecados.
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.12)*

A purificadora das águas, benção, virtude e paz são seus passos a caminho da realização mais alta e espiritual, que seria o *Nirvana*, descrito e visto como a paz além do sofrimento. No início de seu mantra encontramos o *Om*, e no fim o *Soha*, trazendo a ideia de *que assim seja*. E através de seu mantra, toda a negatividade é purificada.

16. Raga-nisudana Tara (TchakpaDjompeiDrolma)



A libertadora que venceu o apego (Laranja-vermelha). Possui dois braços, segura um tridente na mão direita e um ramo de árvore na mão esquerda.

*Oro aquela vitoriosa que mantém
Eternamente a roda da verdade,
Os sons de seu mantra circulam
A letra Hung, eles liberam o devoto.
Com luz radiante.
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.12)*

A flamejante, bela, luminosa, a verdade vitoriosa Tara, esses alguns dos nomes a ela proporcionados, e esta roda da verdade é o Dharma e ela é quem passa os seguidores dos ensinamentos em todas as maneiras, na roda do Dharma. Na visualização de seu mantra de dez sílabas, *Om Tare TuttareTureSoha*, onde é visto circulando no coração do praticante. O *Hung* está no centro do coração, ele é o som do grande poder, com a junção desses dois mantras, todos que a buscam com orações sinceras, são libertados dos apegos da existência, apegos estes ilusórios de um mundo exterior.

17. SukhaSadhana Tara (DrolmaDedrupma)



A libertadora que realiza a felicidade (laranja). Segura unicamente nas mãos um disco lunar.

*Oro a ela rápida que surge da
Semente da palavra Hung,
Ela bate seu pé fazendo tremer
As maiores montanhas, os três
Tremem devida à sua dança.
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.12)*

Tara é rápida em ajudar a todos que a buscam e a chamam, ela aparece da transformação do som primordial de *Hung*. Ela brinca com seu poder, ao bate com o pé os montes vibram. Nos três mundos abarcam os seres que convivem na terra, no submundo e nos céus, sua dança produz bem aventura em todas as mentes.

18. Vijaya Tara (Drolma Namguelma)



A libertadora vitoriosa (Branca). Está sentada sobre um ganso. Com duas mãos sobre a cabeça faz o mudra do regozijo e segura ganchos. Com uma das outras mãos faz o mudra da generosidade e com a outra o lótus sobre a qual repousa uma puja.

*Sentada num cisne branco
Com belas asas,
Oro aquela que segura a lua em suas mãos,
Como um oceano de deuses
Refletindo paz ela elimina venenos cantando
Tare, Tare Pat.
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.12)*

A lua que reflete o oceano ou lago celestial representa o seu poder de extinguir os efeitos venenosos das decepções e distorções mentais. Estes são venenos poderosos que requerem o mantra enfático de *Tare, Tare Pat*.

19. Dunhkha-dahana Tara (DrolmaDukngelSekma)



A libertadora que queima o sofrimento (branca). Segura nas mãos um triângulo que simboliza o fogo.

*Graciosa, branca como uma concha,
irradia raios de luz vermelhos e brancos.
Oro aquela que reis, deuses
e todos os seres servem,
sua beleza maravilhosa
elimina os pesadelos,
acaba com todas as guerras.
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.12)*

Ao conhecer Tara, aquela que remove os arrependimentos, se ama e surge o desejo de servi-la, todas as realizações mundanas e poderes são apenas migalhas e pó diante dela. Até mesmo *Indra*, o rei dos deuses a honram. Só de pensar sobre sua beleza, já extingue os conflitos e pesadelos, consome os remorsos, meditar nela de diferentes maneiras, refletindo seu mantra, se é oferecida a experiência do brilho transformador de suas energias.

20. Siddhi-sambhava Tara (DrolmaNgodrupJungma)



A libertadora que é fonte de realizações (laranja). Segura nas mãos um vaso que contém as realizações.

*Oro aquela que é radiante como a luz,
Seus olhos claros cheios
Como o sol e a lua,
Cantando HaraHaraTutare,
Ela remove todas as enfermidades.
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.12)*

Tara a habitante da montanha, ela assim como o sol e a lua dispersam toda a escuridão, ela dispersa a ignorância. O sol é quente e colérico, a lua é fria e pacífica, mas ambos emitem a radiação que é capaz de vencer as enfermidades recorrentes do apego às causas do sofrimento. *Hara* é um mantra feroz, *Tutata* é um mantra pacífico, aplique os dois como medicamento correto e cure todas as doenças, cada um na ocasião necessária.

21. Paripurana Tara (DrolmaYongdzokTchema)



A libertadora que atingiu a perfeição (branca). Está sentada sobre um touro, com a mão direita faz o mudra da proteção e com a esquerda segura um tridente.

*Oro a ela dotada com força e calma,
Ordenada com as três verdades de
Om Ah Hung vencedora de todo o mal,
Ture o insuperável.
(RINPOCHE. Bokar. 1993, p.12)*

Tara a dançarina do céu radiante, ela possui três realidades de todos os seres iluminados, no seu mantra o Om em sua coroa representa perfeição da forma física, a sua habilidade de se manifestar no mundo para beneficiar os seres. O Ah em sua garganta é a perfeição de sua palavra, o poder que esse mantra possui é de todas as possibilidades de realização. O Hung em seu coração onde está a perfeição da mente, verdadeiramente ela sabe de tudo o que deve ser conhecido. Suas habilidades a torna representante ad força e da habilidade de vencer qualquer problema seja ele as desilusões internas ou ilusões do mundo fenomenal, Tara ela é insuperável, permitindo ao praticante a benção em todas as necessidades internas e externas.

CAPITULO 3

A PUJA DE TARA VERDE

Nesse capítulo trataremos cronologicamente a puja de Tara Verde e suas correlações com as outras pujas de Tara, explicitando cada momento de seu ritual (prática). A prática da *Puja* de Tara é considerada uma das mais populares no Tibete, juntamente com a *Puja* de *Prajnaparamita*, que é uma das mais recomendadas pelos mestres tibetanos para se alcançar méritos em consonância com as outras práticas. Tara, segundo Khadro, tomou o voto particular de libertar todos os seres de oito medos que interferem negativamente na mente:

Medo de elefante, sua projeção é a ignorância; Medo de fogo, sua projeção é a raiva; Medo de leões, é a projeção do orgulho; Medo de ladrões, é a projeção das visões errôneas; Medo de enchentes, é a projeção da ganância; Medo de cobras, é a projeção da inveja; Medo de algemas, é a projeção da avareza; Medo de demônios, é a projeção da dúvida. (KHADRO. 2007, p. 02)

Todos esses medos e fobias tem sua origem no apego e nas aversões humanas, logo, Tara oferece a libertação (liberdade) de qualquer medo contido no sofrimento samsárico, por esse motivo Tara é tão procurada nas práticas budistas tibetanas, até nos dias atuais é por isso que ela é conhecida como *Salvadora Veloz*. A prática de Tara é uma prática amplamente voltada à compaixão pelos seres e formalmente utilizada para compreender sua presença no ambiente.

Quando falamos de *prática*, estamos nos referindo a *puja* que é um ritual, uma prática. Existe um ritual para Tara Verde, para Tara Vermelha, para Tara Branca e para o Louvor das Vinte e Uma Taras, pois, cada uma das vinte e uma Taras é uma forma de manifestação da Tara principal, Tara Verde, onde também é conhecida como a *Mãe dos Conquistadores*. Mas trataremos exclusivamente a prática voltada a Tara Verde, onde nela contém o Louvor das Vinte e Uma Taras, a Prece das Sete Linhas, a Prece ao Guru Rinpoche e abordaremos cada um, na sua importância dentro do ritual de Tara, como cada um é realizado, sua simbologia na vida do praticante, sua mística e suas oferendas.

3.1 Compreendendo a Prática de Tara Verde

A Puja de Tara Verde pode, em um sentido restrito, representar bem o que hermeneuticamente podemos chamar de perspectiva geral da percepção dos elementos fundamentais e rituais de uma prática tibetana. Temos que levar em consideração inicialmente, que a prática de Tara é uma prática realizada em várias tradições tibetanas e por isso não existe uma forma correta de identificar a prática ou mesmo de afirmar qual é a mais correta. Aqui recolheremos os principais elementos da puja de Tara. Em virtude disso utilizaremos a puja traduzida para a língua portuguesa da tradição KarmaKagyü elaborada pelo Centro Budista Kagyü Pende Gyamtso (KPG) de Brasília/DF e a medida em que formos identificando esta prática compararemos com pujas similares, também em língua portuguesa, de Tara Vermelha entre outras de Tara Verde.

O início do ritual, que recebe este nome por se tratar de uma prática tântrica, se dá com a prece dos sete versos ao Precioso Guru, que é Padmasambava, sendo visto como um Buda no Tibete, pois foi, em tese, o fundador da escola tibetana Nynigma de Budismo, sendo ele uma emanção do Buda Amitaba. Sua vinda teria sido prevista pelo Buda Sakyamuni e sua vida teria sido repleta de fatos admiráveis, desde seu nascimento em uma flor de lótus, num corpo de uma criança de oito anos e em vários mitos, narra-se que ele teve várias manifestações múltiplas de si mesmo, ao mesmo tempo em lugares diversos. Guru Rinpoche nasceu milagrosamente no Reino de Uddiyana, no Noroeste da atual Índia, algum tempo depois do “*paranirvana*” do Buda.

As práticas tibetanas estão fundadas em sua realidade com a deidade, dessa forma a prece das sete linhas se tornou uma prece fundamental para sempre recorrer ao Guru Rinpoche quando fosse necessário. A prática de Tara não é diferente das outras práticas tibetanas, que envolvem, além de uma rotina específica, mas sim uma perspectiva de como cada uma destas deidades pode ser conhecida, levando em consideração que determinadas práticas são ocultas, proibidas ou mesmo secretas dentro do budismo tibetano tântrico.

Na explicação do tantra de Tara, Bokar Rinpoche apresenta o plano da prática de Tara Verde em três grandes subdivisões clássicas que duram aproximadamente três horas se for realizada por completo considerando os intervalos para meditação e entoação do mantra. Assim podemos entender o plano da prática partindo de olhar hermenêutico:

a) Preces que precedem a prática;
b) Prática propriamente dita;
c) Preces e aspirações adicionais.

Na parte A, denominada *Preces que precedem a prática*, encontramos três conjuntos de preces: 1) Prece das sete linhas; 2) prece aos três corpos do lama e 3) Prece ao Guru Rinpoche. Na parte B, chamada de *Prática propriamente dita* é realizada em sentido lato a prática de Tara Verde que contempla cinco momentos: 1) Refúgio e Bodhicitta; 2) homenagem e oferendas as três Raras e Sublimes em geral; 3) as três oferendas à divindade e o tantra da louvação; 4) oferenda de uma Torma (uma espécie de estandarte com a imagem de Tara) e 5) fase de meditação. Na parte C, últimos elementos da prática encontramos as preces de longa vida ao Dalai Lama, Karmapa e outros mestres da linhagem e ao fim a dedicação de méritos da prática.

3.2 Prece ao Guru Rinpoche (Prece de Sete Linhas)

A conhecida *Prece das Sete Linhas*, como já foi informado acima, é a prece inicial de praticamente todas as pujas no mundo tibetano, pois a figura do Guru Rinpoche (Padmasambhava) é, em tese, um segundo Buda no Tibete.

A prece foi ensinada por uma poderosa “*dakini*”⁴⁴, como na puja de Tara é mencionado que ele está rodeado por um séquito delas. A prece das Sete Linhas ou dos Sete Versos, até hoje é uma das invocações mais frequentes e praticadas na tradição Nyingma, mas também é reconhecida por outras linhas budistas.

A prece ainda que pequena, contém nela ensinamentos externos, internos e secretos de treinamentos e “rituais” do Budismo, acreditando que para qualquer treinamento, o resultado buscado na prática particular é obtido, por isso utilizada antes de outro ritual, como uma via de acesso, permitindo a purificação da mente.

⁴⁴ Viajantes do céu: encarnações da sabedoria desperta que protege o Dharma e os praticantes.



Fonte: <http://www.odsalling.org/wp-content/uploads/2016/01/gururinpochengondro.jpg>

Com base na Prece Vajra de Sete Linhas intitulado Lótus Branco “*PadmaKarmo*”, escrito por MiphamNamgyal (1846-1912), um reconhecido letrado da tradição Nyingma do Budismo Tibetano, onde seu texto original em tibetano é resultado do comentário de Jamgon Mipham, é muito profundo e difícil de compreender ou traduzir, portanto abreviamos em pontos básicos o texto que traz A Prece Vajra de Sete Linhas como a mais sagrada e importante prece da tradição Nyingma e faremos uma análise, onde possamos melhor compreender seu uso na Puja de Tara.

Conforme registrado em sua história, a Prece de Sete Linhas é famosa por sua invocação utilizada pelas dakinisvajra para convidar Guru Rinpoche para seus festins sagrados. (MIPHAM. 2014, p.37)

Podemos considerar em cinco explicações de maneira simples à prece, não na intenção de reduzir sua essência, mas de compreensão literária, a primeira seria uma genérica ou comum, como o caminho do sentido do oculto, a segunda o caminho da libertação, a terceira a do aprendizado do aperfeiçoamento, a quarta a da realização direta do irrefletido e a quinta e última à conquista do resultado buscado ou escolhido.

O significado disso é que deveríamos recitar a Prece de Sete Linhas sem nunca nos afastar da prática na qual os estágios da geração e da perfeição estão unidos. As primeiras cinco linhas descrevem a visualização, e assim constituem a fase da aproximação. A sexta linha expressa confiança e fé no Guru Rinpoche, e assim é a fase da aproximação íntima. Então, com a sétima linha, nós nos fundimos inseparavelmente com o Guru, e esta é a fase da realização. Ao recitarmos o mantra com nossas mentes inseparáveis do Guru, nós contemplamos a face do grande dharmakaya. (MIPHAM. 2014, p.48)

Em quase todos os rituais tibetanos, se iniciam com a prece dos setes versos, no Tibete, os Nyingmas recitam a prece das Sete Linhas ao Guru Rinpoche, três vezes antes de recitar quaisquer outras orações, fazer qualquer meditação, ou realizar qualquer cerimônia. Muitos devotos repetem-na centenas de milhares de vezes, recitando-a durante todo período de vigília como sua principal oração, respiração, vida e contemplação.

Desta maneira como foi mencionado no fragmento extraído da obra de Mipham, conforme meditamos sobre a Prece das Sete Linhas, devemos visualizar em nossa mente o Guru Rinpoche, com suas dikinis e ao evocarmos em concentração unida e de modo repetitivo, receberemos as bênçãos e iniciações contida na prece.

Hung

*No país de Orygen, em sua fronteira noroeste,
Sobre um lótus, pistilo e caule,
Espantosa e suprema realização você alcançou
E como o Nascido do Lótus você é renomado.
Um círculo de muitas dankinis o envolve,
Seguindo suas pegadas, praticando, nós o seguimos.
Para que conceda suas bênçãos, aproxime-se, nós oramos.
(Prece das Sete Linhas)*

Conforme percebemos a Prece das Sete Linhas, buscada de maneira correta, é possível atingir a perfeição das realizações comuns e supremas. Com auxílio de Miphan, vamos categorizar como se constitui a prece, primeiro, um ensinamento para obter o caminho da libertação, segundo uma explicação para os ensinamentos dos caminhos aptos para seguir e terceiro e último, instruções conclusivas para o caminho da libertação dos meios capazes em conjunto. Podemos perceber que o objetivo da oração, está contido nas cinco primeiras linhas e a sexta e a sétima, é a essência da oração.

Hung, a sílaba semente da mente iluminada, simboliza o estado absoluto de samsara e nirvana: a naturalmente luminosa, auto-originada sabedoria primordial. O país de **Orgyen** é a fonte por excelência dos ensinamentos do Mantra Secreto. Do ponto de vista do significado interno, entretanto, deveríamos compreender que a natureza da nossa própria mente é a fonte do Mantra Secreto. Na palavra em tibetano para **noroeste**, *nubbyang*, o elemento nub (oeste) também transmite a ideia de afundar – na lama, por exemplo – enquanto byang (norte) também significa se desatar ou liberta-se. Portanto, “oeste” aqui significa samsara, enquanto “norte” se refere ao puro estado do nirvana. Considerem este texto do *Mahaparinirvana-sutra*. (MIPHAM. 2014, p. 59)

Ao exclamar “*Hum*”, se é invocado a mente do Guru Rinpoche, em seguida, é dito onde ele nasceu, “*Ao noroeste das terras de Oddiyana*”, *como ele nasceu*, “*no coração de uma flor de lótus*”, *de que é provido da mais maravilhosa realização*, “*Cercado por séquitos de muitas dakinis*”, *na prece afirma que ele é renomado como o “Nascido do Lótus” (Padmasambava), que aquele que o segue, pratica e clama em humildade*, “*eu peço a ti: vem, inspira-me com sua bênção*”, *clamando por suas bênçãos*.

O mantra da Prece das Sete Linhas, *GURU PADMA SIDDHI HUM*, invoca bênçãos, onde *Guru* é o mestre, aquele que é afortunado de qualidades excelentes, aquele que ninguém supera, *Padma* é a primeira parte do nome de Guru Rinpoche, *Siddhié* o que busca o praticante, aquilo que ele deseja conquistar, as realizações corriqueiras e insólitas, *Hum* é a súplica pela consolidação de realizações (siddhis), sendo assim, *Ó Guru Padma conceda o siddhi*.

Já na *Prece aos três corpos do Lama*, continua-se na presença de Guru Rinpoche e sua forma. Nessa prece se é rogado aos três *Kayas (corpos) do Lama*, o Lama *Dharmakaya*, o Lama *Samboghakaya* e ao Lama *Nirmanakaya* (REDYSON, 2012, p. 101-102)

Cada Lama tem uma representação na prece o *Dharmakaya* é o que está no domínio da esfera do Dharma, na natureza do Dharma, que está além dos três tempos, o que está além de fim e começo, cujo sua compaixão é imparcial, semelhante ao espaço, sem limitações.

O *Samboghakaya* é o do domínio da grande felicidade espontaneamente realidade, onde no corpo de felicidade, reúne as cinco sabedorias (corpo, palavra, mente, qualidades e atividades) e cada sabedoria dessas revela em cada uma, um aspecto de sua compaixão.

O Nirmanakaya é o que vem por compaixão, por aquele que o roga, independentemente do tempo, presente, passado e futuro, com o objetivo de trazer o bem para os seres nos domínios puros em um mundo de longos sofrimentos.

O modo absoluto de existência, a base na qual tanto nós quanto Guru Rinpoche somos primordiais inseparáveis – ou seja -, a sabedoria primordial autossurgida, que não está sujeita a movimentos de pensamentos discursivos – é referido como **Guru**. Como as próprias percepções deludidas são primordialmente puras, o caminho está livre de todo esforço e o fruto está presente espontaneamente como um lótus totalmente desabrochado. (MIPHAM. 2014, p. 47 e 48)

O item que diz respeito a *Prática propriamente dita*, e que envolve outras cinco subdivisões será a parte mais complexa de compreensão. Partindo da puja da KPG de Tara Verde, o ritual, após a prece de setes linhas, começa com a tomada de refúgio e a geração da bodhicitta onde é feita duas acumulações e em seguida a abertura da mandala que envolve as acumulações da essência profunda de Tara. Assim como em todas as práticas tibetanas, a Puja de Tara, após todas estas preliminares, se inicia com a *Homenagem*, onde é reverenciado as circunstâncias de tal prática. Na tradição Kagyü, o meio de se alcançar a iluminação é o *Mahamudra*, assim se pode perceber que na puja, ora analisada, da KPG, os elementos da visualização aparecem logo no início.

No espaço a minha frente, a venerável realmente aparece. Homenagem! Eu e todos os seres tomamos refúgio na Venerável, manifestação de todas as Raras e Sublimes. Após desenvolver a Mente do despertar de aspiração, entrarei na profunda Via (KPG, p. 16).

A venerável é Tara que surge, assim, na prática, ela deve ser visualizada a frente do praticante e durante a recitação de três vezes desta pequena prece que invoca a presença de Tara inicia-se a reunião das duas primeiras acumulações. Tara é vista como Rara e Sublime que significa aqui, uma deidade vislumbrante, bela e formosa. Em seguida vem as oferendas através de duas acumulações, pois Tara é a venerável libertadora, a primeira acumulação diz respeito as oferendas materiais mentais como: 1) flores; 2) Incenso; 3) luzes; 4) alimento (manjares); 5) música (som); 6) água de beber; 7) água de lavar; 8) perfume. A segunda acumulação diz respeito a forma de dedicar as virtudes acumuladas durante os três tempos pelos *Sravakas*, *Pratyekabudase* *Bodhisatvas* para que assim se possa girar a roda do Dharma dos três veículos (cf. KPG, p. 18).

Sravakas são os ouvintes, significa o caminho do ouvinte, *Pratyekabudas*, são os que acreditam poderem alcançar a iluminação sozinhos e os *Bodhisatvas* são os que, de

alguma forma, são responsáveis em conduzir os praticantes ao caminho da acumulação de méritos através da prática.

Após as duas acumulações é feita a consagração delas através do corpo, palavra e mente: OM BENZA AMRITA/ KUNDALI/ HANA/ HUM/PE// OM/ SOBHAWA/ SHUDDA/SARVA/DHARMA/SABHAWA/SUDDHO/HAM//. (cf. KPG, P. 20). O aspecto tântrico começa quando na puja o praticante é levado a perceber em um instante que ele é claramente um com a nobre Tara, pois será no coração, sobre uma lua, que se visualizará a sílaba TAM, de cor verde e a partir desta sílaba irradiam raios de luz que convidam as vinte e uma Taras nas três jóias (cf. KPG, p. 31-32). O passo seguinte da puja é as homenagens as vinte e uma Taras. Na prática recita-se as vinte e uma homenagens três vezes e em seguida recita-se mais sete vezes as vinte e uma homenagens no oferecimento do mandala.

Estes elementos podem ser vistos e compreendidos quando dentro da prática, após terem sido feitas as duas acumulações e consagrado as oferendas, inicia-se a abertura da mandala de Tara: “OM A HUM! Ofereço meu corpo, minhas riquezas e todas as virtudes, e as riquezas e glórias dos três domínios, àqueles que tem a compaixão por natureza; aceitai-as; rogo-vos que me concedeis vossa graça (KPG, p. 35). Os elementos que abrem a mandala se diferenciam muito, a partir de que prática estamos fazendo, isto é, neste momento da puja existem diferenciações entre a puja de Tara Verde, Tara Branca ou Tara Vermelha.

A abertura de mandala é realizada através do mudra do *Monte Meru* que entoa novamente as oito oferendas a Tara, pois esta ação significa que o praticante solicita que ela, Rara e Sublime, permaneça.



Mudra *Monte Meru*: fonte: RAMM-BONWITT (2015, p.197)

Água de beber	ARGAM
Água de lavar	PADIAM
Flores	PUCHPE
Incenso	DUPE
Luzes	ALOKE
Perfume	GUENDE
Alimento	NEUEDE
Som	CHAPTA

Existe uma intensa relação entre as oito oferendas tradicionais e o mudra do *Monte Meruen* quanto realização desta prática. Por isso entoar-se em tibetano durante a feitura do mudra OM SARUA TATAGATA RATNA/ OM SARWA TATAGATA MANDALA PUDZA HO/RATNA MANDALA PUDZA HO (cf. KPG, p. 36, 39)⁵. Estes oito elementos (oferendas) devem estar no altar seguidos um após o outro neste momento da puja, pois será esta ação que demonstrará a conexão com a deidade Tara e que se concretizara o exercício de oferecer as oferendas. (vide anexo)

A conexão entre Tara e o praticante neste momento da prática é contínua, como pode ser vista neste trecho da puja em que, ainda através do processo do *Mahamudra*, se perceberá que do corpo de Tara emana luzes e néctares que estabelecem a receptividade, tanto das oferendas quanto as virtudes a ela solicitadas:

Do corpo de Tara desce um fluxo de néctar que penetrando pelo topo da minha cabeça e de todos os que devem ser protegidos, preenche nossos corpos e concede todas as bênçãos. (KPG, p. 39).

Tara ao ser chamada, se faz presente, a conexão com o praticante é tântrica e por isso a continuidade da presença dela é percebida e sentida através dos processos de meditação e de entoação de seu mantra. Recita-se o mantra de Tara, mantra de 10 sílabas quantas vezes se poça.

⁵ Poderá se ver em BEYER, Stephen. *Magic and Ritual in Tibet. The Cult of Tara*. Delhi. MotilalBanarsidass. 2001, uma relação mais aprofundada entre as oferendas e o mudra.



Om Tare Tuttare Ture Soha

Qualquer tentativa de traduzir o mantra poderá demonstra a superficialidade da tradução, os mestres entendem que o aspecto de compreensão de um mantra está localizado dentro do praticante, isto é, saber, no ato da prática, o que se está dizendo é minimamente superficial, porque a densidade do conteúdo e das especificidades localizadas em cada sílaba é o que torna o vajrayana tântrico. Portanto não necessitamos traduzir o que significa cada sílaba e sim como podemos compreender o objeto ao qual o mantra se diz:

*OM, prostro-me diante da libertadora
da nobre abençoada mãe
Honras com TARE a heroína rápida
que elimina todo o terror com TUTTARE,
a salvadora, que, com TURE concede todos os objetivos
Diante de SVAHA e das outras sílabas eu me inclino
(LUETJOHANN, 2009, p.76)*

Outro comentário possível é o do GesheKelsamg Gyatso:

O significado deste mantra é: com OM estamos chamando Arya Tara, TARE significa libertação permanente do sofrimento do renascimento inferior; TUTTARE significa libertação permanente do renascimento samsárico, TURE significa a grande libertação, ou seja, a plena iluminação, e SOHA significa *por favor concede*. Em sua totalidade o significado do mantra é: *Ó Arya Tara, por favor, concede-nos libertação permanente do sofrimento do renascimento inferior, libertação permanente do sofrimento do renascimento samsárico e a grande libertação, a plena iluminação.* (KADAMPA, p.22).

A recitação do mantra é o início do processo de meditação, que representa um momento indispensável durante a prática de Tara. A meditação, podemos dizer, que se inicia com a entoação do mantra, em seguida foca-se na meditação silenciosa sempre com Tara por perto, isto é, contemplando Tara, visualizando Tara. O mantra pode ser recitado tantas vezes se possa e deve ser feito através da contagem pelo *mala* de 108

contas. O momento seguinte da prática é a recitação do mantra de cem sílabas que é o início do processo de fechamento da mandala.

OM BENZA SATO SAMAYA MANU PALAIA BENZA SATO TENOPA TIKTA
DRIDO MEBAUA SUTO KAYO ME BAUA SUPO KAIO ME BAUA ANURAKTO
MEBAUA SARUA SIDDI MEPRA IATSA SARUA KARMA SUTSAME TSITAM
SHRI IA KURU HUM HA HAHHA HO BAGAWEN SARUA TATA GATA
BENZRA MAME MUTSA BENZRI BAWA MAHA SAMAYA SATO A

O mantra de cem sílabas também está ligado a percepção e aos modos da visão e de ser dos praticantes e acaba servindo também como uma homenagem ao Buda e seu séquito. Se o praticante realizar a puja de Tara Verde diariamente deve ele também recitar a prece de acumulação de méritos final (cf. KPG, p. 55-59), pois segundo os mestres este momento final, para quem realiza a prática diariamente, protegerá e eliminará os impedimentos e os obstáculos no processo meditativo do praticante. Como tínhamos anunciado acima existe uma intrínseca relação entre Tara e Prajnaparamita, essa conexão se vê também ao final da prática de Tara Verde, quando se medita a possibilidade de realizar o significado da vacuidade, onde todos os agregados da existência são vazios de existência inerente (cf. REDYSON, 2012, p. 226; KPG, p. 57). Assim se encerra a prática de Tara Verde:

Libertadora mãe dos vitoriosos, possamos nós unicamente ter um corpo como o vosso, um séquito, uma longevidade, um domínio e as sublimes e excelentes características como as vossas. Pelo poder de vos ter suplicado e louvado que para mim e os outros onde quer que estejam, sejam pacificadas as doenças, pobreza, querelas e que se desenvolva o Dharma e o que é auspicioso (KPG, p. 58-59).

Geralmente logo em seguida a uma prática tibetana faz-se a prece de longa vida ao Dalai Lama (aos que o seguem) e ao líder máximo da tradição, como por exemplo na puja que utilizamos, o Karmapa, liderança máxima da linhagem Kagyü e ao final a prece pela longa vida de todos os lamas.

CONCLUSÃO

Em sentido hermenêutico o significado de interpretar, mas do que uma tradição escrita, repleta de elementos orais, simbólicos, gestuais, além, de ritos, aspectos musicais, de vestimentas e principalmente de tradição, diz respeito a forma em que se lê, em que se interpreta. Consideramos também que interpretar uma obra de um mestre ou uma tradição representa uma coisa em que o método hermenêutico bem pode ser utilizado, agora interpretar uma prática ritual, como uma prática budista tântrica nos lança em perspectivas complexas, pois cada tradição, de alguma forma, apresenta uma forma ritual diferente de cultuar Tara.

Não é possível, dessa maneira, fazer uma interpretação de uma puja sem levar em consideração as perspectivas desta tradição oral, simbólica e gestual, pois os elementos hermenêuticos de que dispomos efetivam que a leitura, menos incorreta de um ritual como esse, ora analisado, se aproxima mais de uma esfera fenomênica do que propriamente de características simplesmente interpretativas, pois não podemos esquecer, que existe uma iniciação de Tara, que significa um empoderamento através da manifestação de Tara, que além de tântrico tem um sentido condensado na prática e nas características que o fazem ser o que é. Na iniciação de Tara Verde, por exemplo, é conhecido a dedicação de méritos como um compromisso onde Tara sempre estará presente, próxima daqueles que praticam diariamente sua puja, aqueles que levam consigo sem símbolo, a sílaba TAM ou mesmo que recitam seu mantra OM TARE TUTTARE TURE SOHA diariamente, também nesta iniciação o praticante se envolve por completo nos mistérios desta deidade, o que, aqui não foi o foco de nosso objetivo.

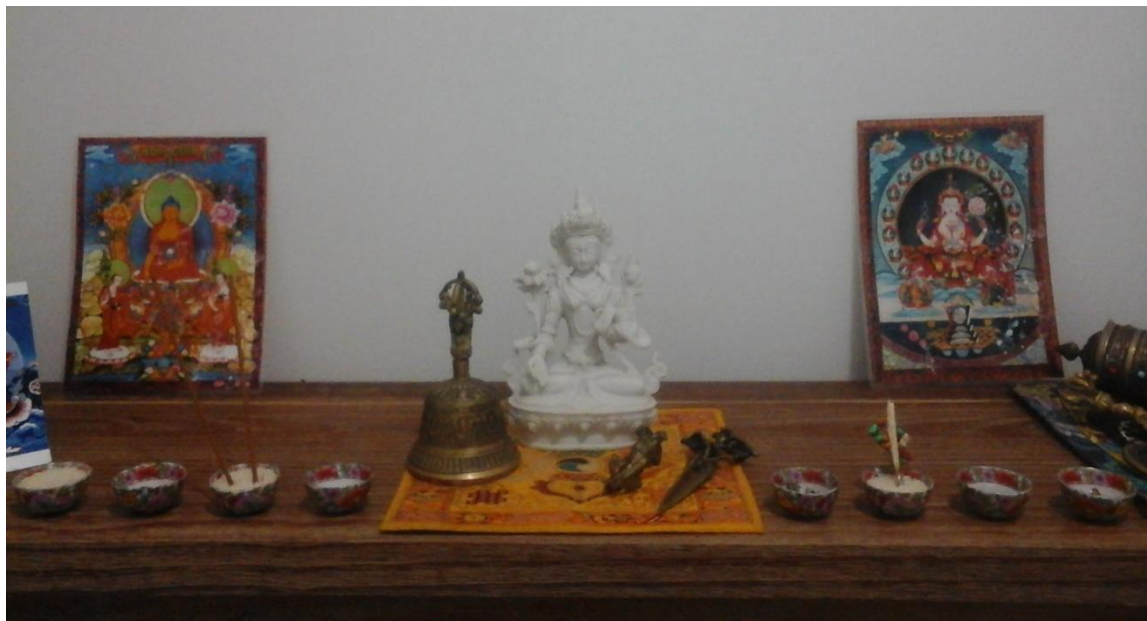
Ao propormos abordar esse tema em nosso trabalho de conclusão de curso, entendemos que foi de muita ousadia, por se tratar, de uma pesquisa um tanto pioneira, pois desfragmentamos uma *puja* de Tara Verde, mas com um olhar sobre as pujas de Tara Vermelha, Tara Branca e uma puja das Vinte e Uma Taras, para que pudéssemos enxergar seus elementos mais detalhadamente e como se trata de uma prática muito rica de características e particularidades, necessitamos investiga-las mais profundamente. Este ritual, que envolve tanto Tara Verde como Tara Vermelha, é uma das práticas tibetanas mais buscadas no Brasil, podemos detalhar que a prática de Tara Verde é intensamente praticada em Brasília, no KGP cuja puja analisamos, e a de Tara

Vermelha, praticada na cidade de Três Coroas/RS no ChagdudGompa iniciada pelo Venerável Mestre tibetano ChagdudTulkuRinpoche. Acreditamos que essa contribuição ajudará não somente o meio acadêmico, mas auxiliará aos praticantes que se destinam a viver de fato essa prática. O que percebemos com nossa pesquisa e com a análise, aqui apresentadas, é de que, um olhar hermenêutico sozinho, não se daria conta de tanta riqueza, mas como já foi dado este primeiro passo, fica-seno desejo pelo esboço fenomênico de Tara Verde, pois se fossemos abarcar todas as Taras em um trabalho de finalização de curso não daria conta tamanha toda a literatura existente sobre o tema em língua inglesa.

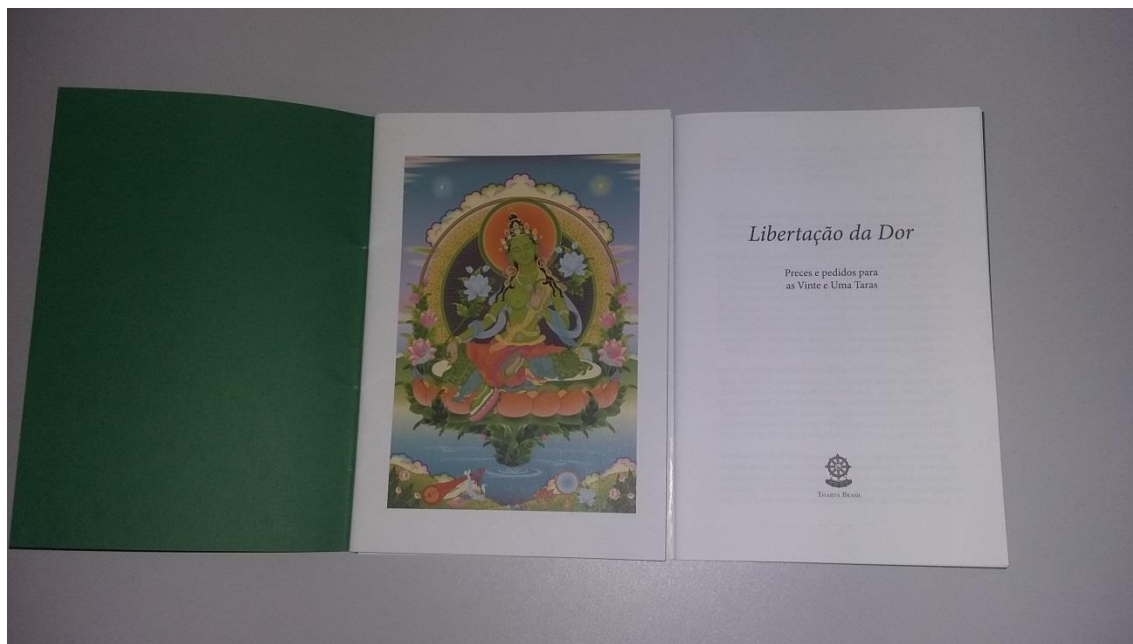
ANEXOS



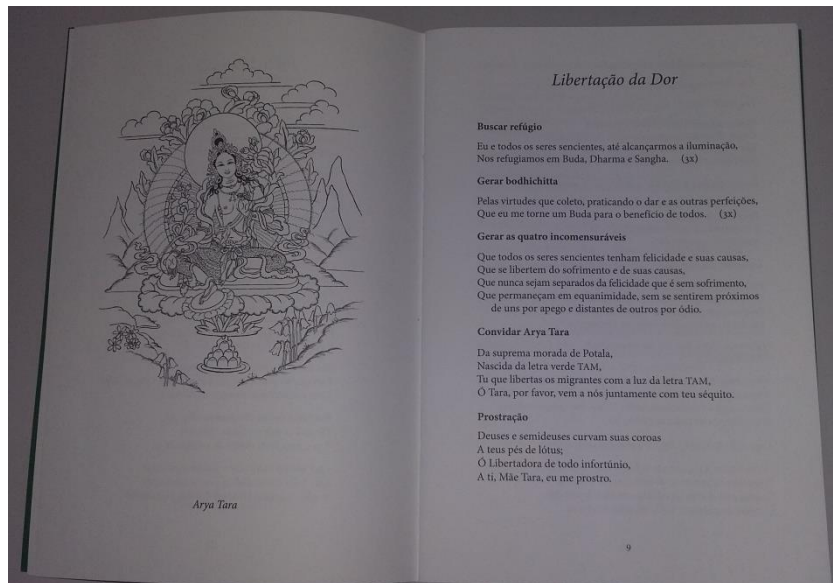
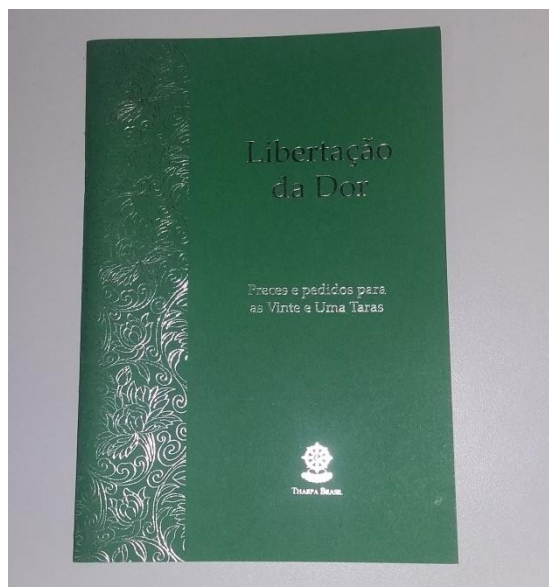
Imagem de Tara Branca



Altar de Tara Branca



Puja de tara Verde e das Vinde e Uma Taras da Nova Tradição Kadampa

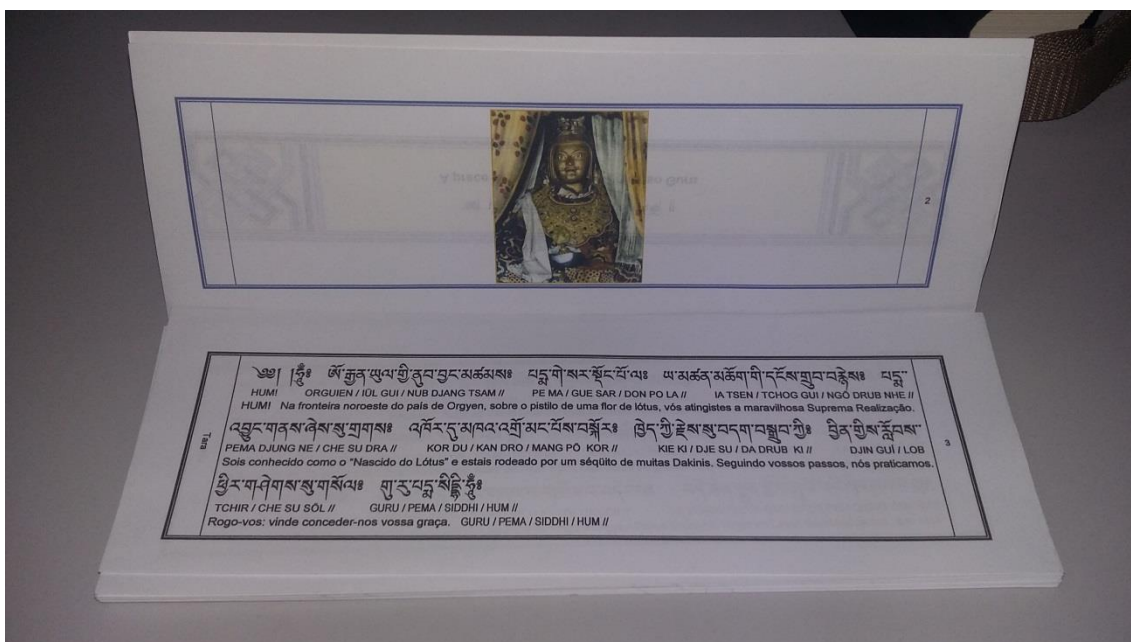


Puja de tara Verde e das Vinde e Uma Taras da Nova Tradição Kadampa

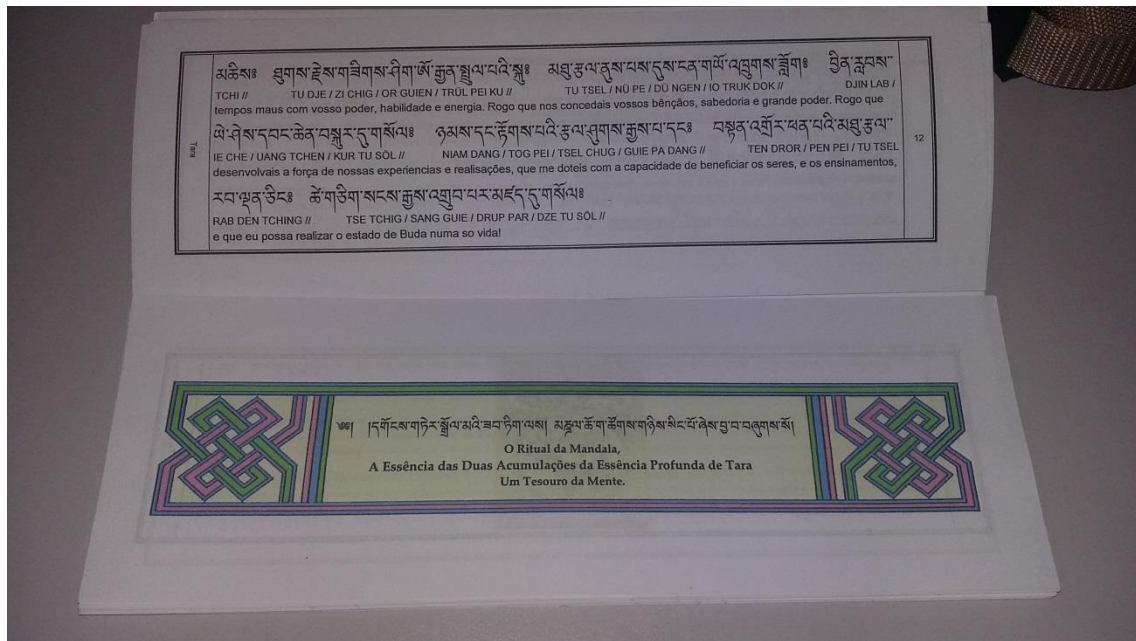
Capa e Puja aberta com Busca de refúgio e Bodhicitta



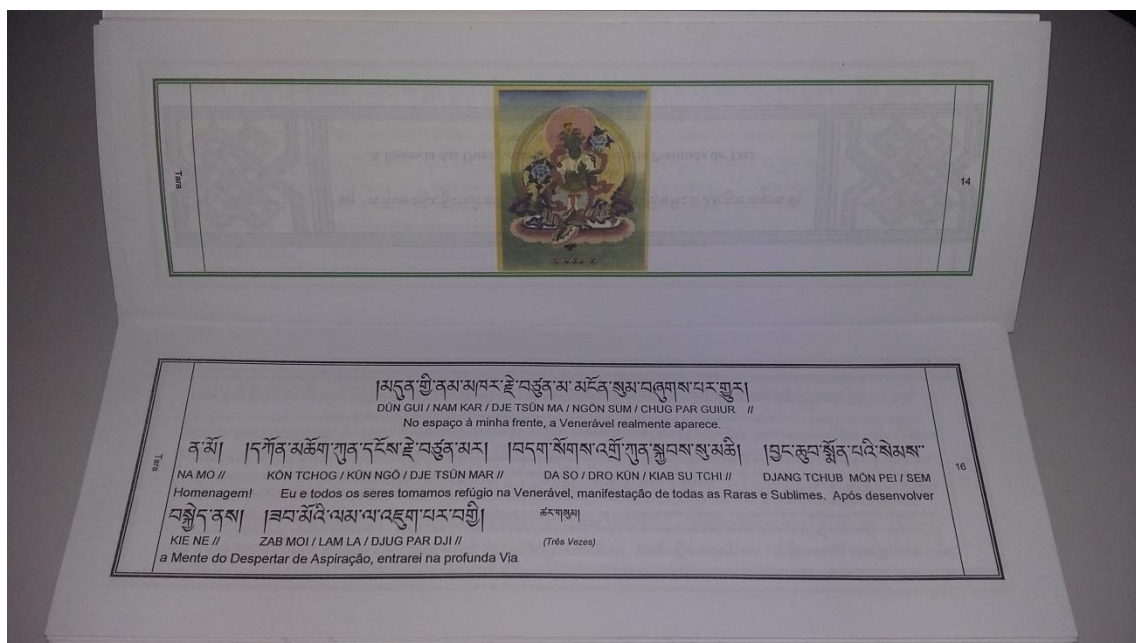
Puja de Tara Verde da tradição Kagyü (KPG)



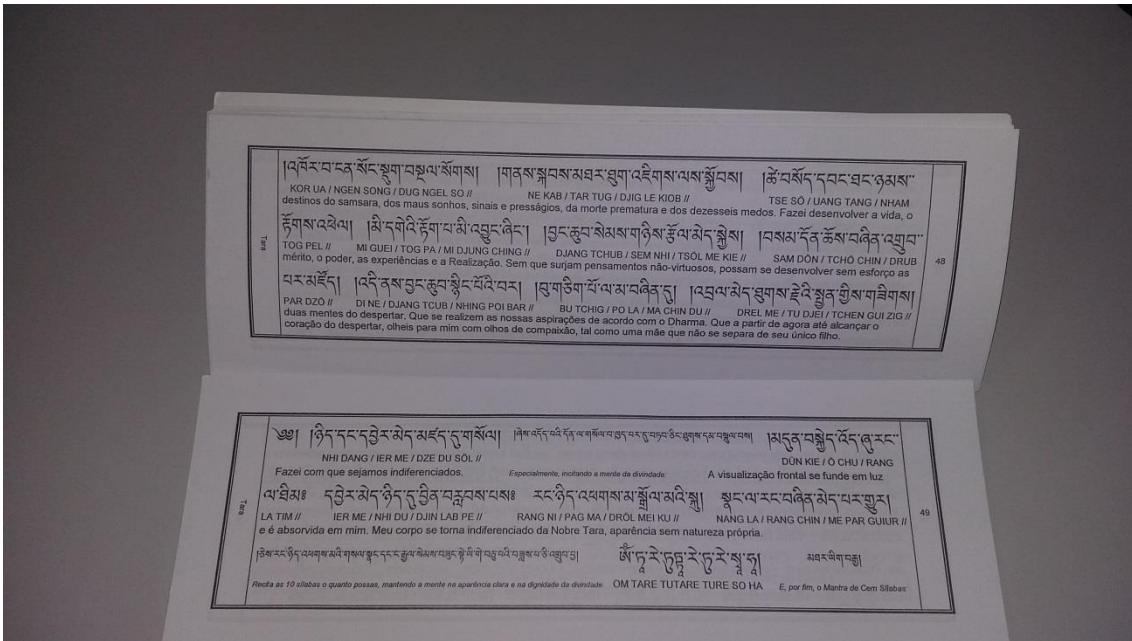
Puja de Tara Verde da tradição Kagyü (KPG) Prece das Sete Linhas (Guru Rinpoche – Padmasambhava)



Puja de Tara Verde da tradição Kagyü (KPG) Ritual de abertura da mandala de tara Verde



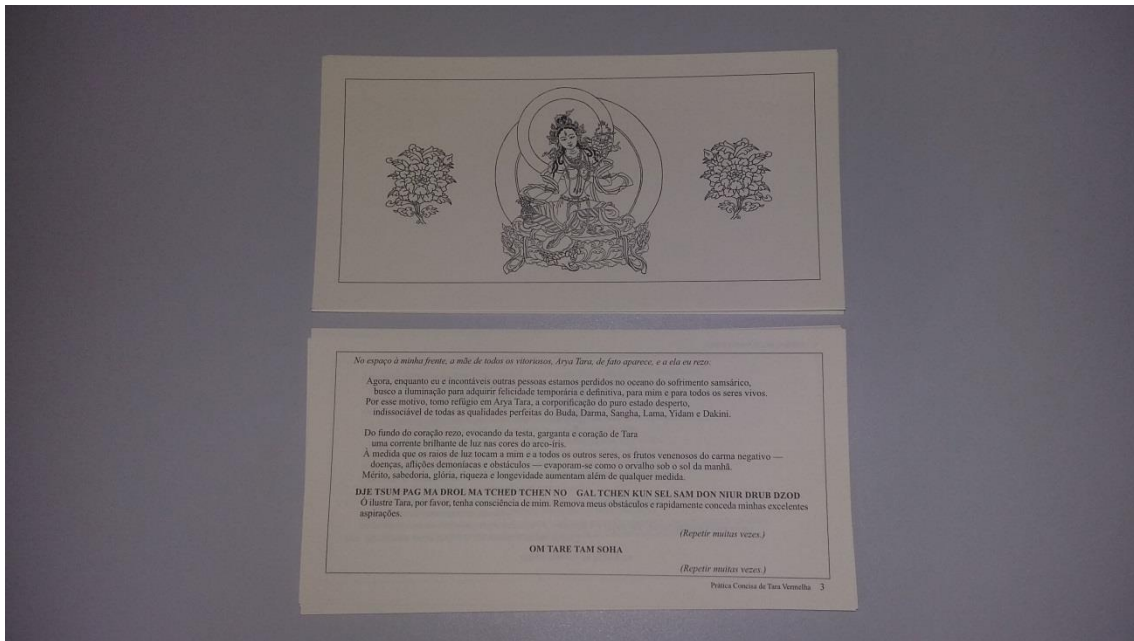
Puja de Tara Verde da tradição Kagyü (KPG) – Início



Puja de Tara Verde da tradição Kagyü (KPG) Mantra de Tara Verde



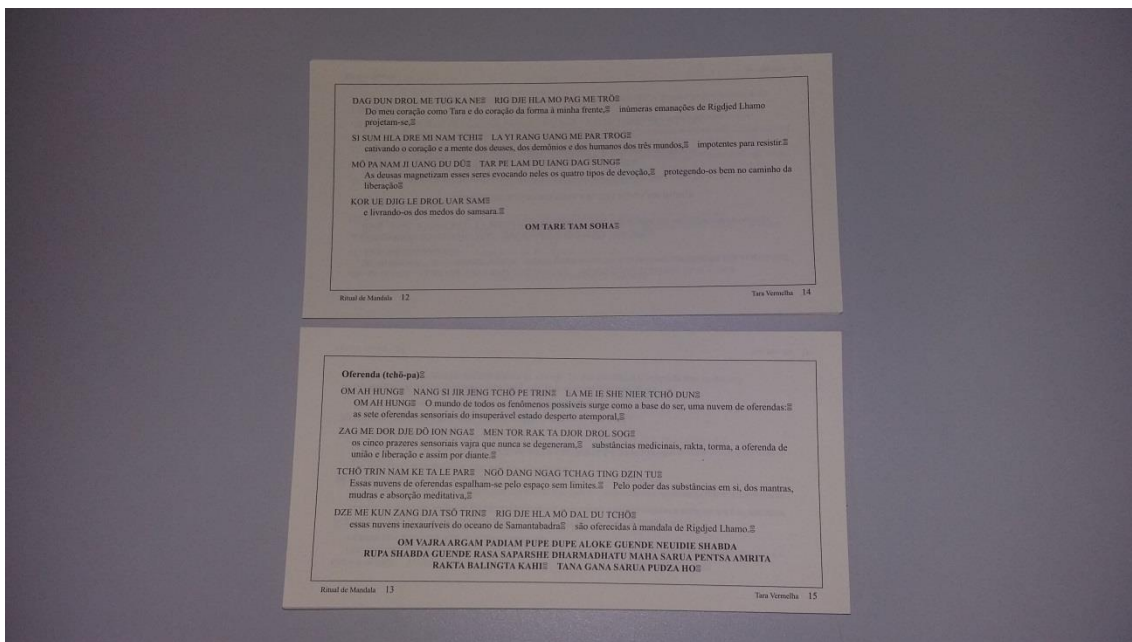
Puja Concisa de Tara Vermelha (ChagdudGompa – Três Coroas/RS) – Capa



Puja Concisa de Tara Vermelha (ChagdudGompa – Três Coroas/RS) – Mantra de Tara Vermelha



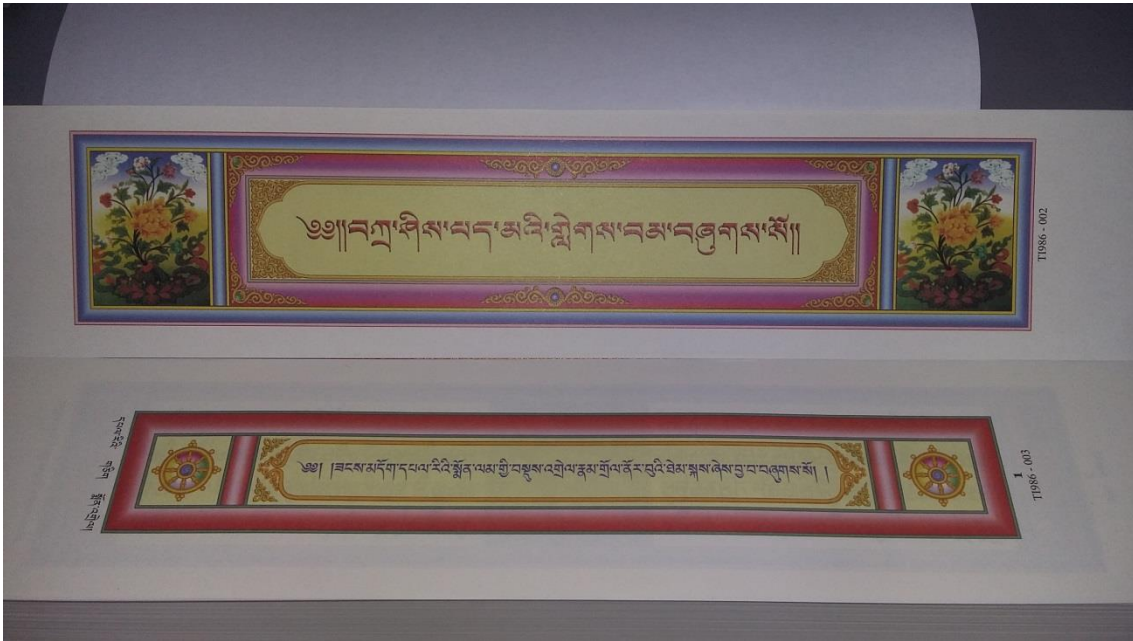
Puja Completa de Tara Vermelha (ChagdudGompa – Três Coroas/RS) – Capa



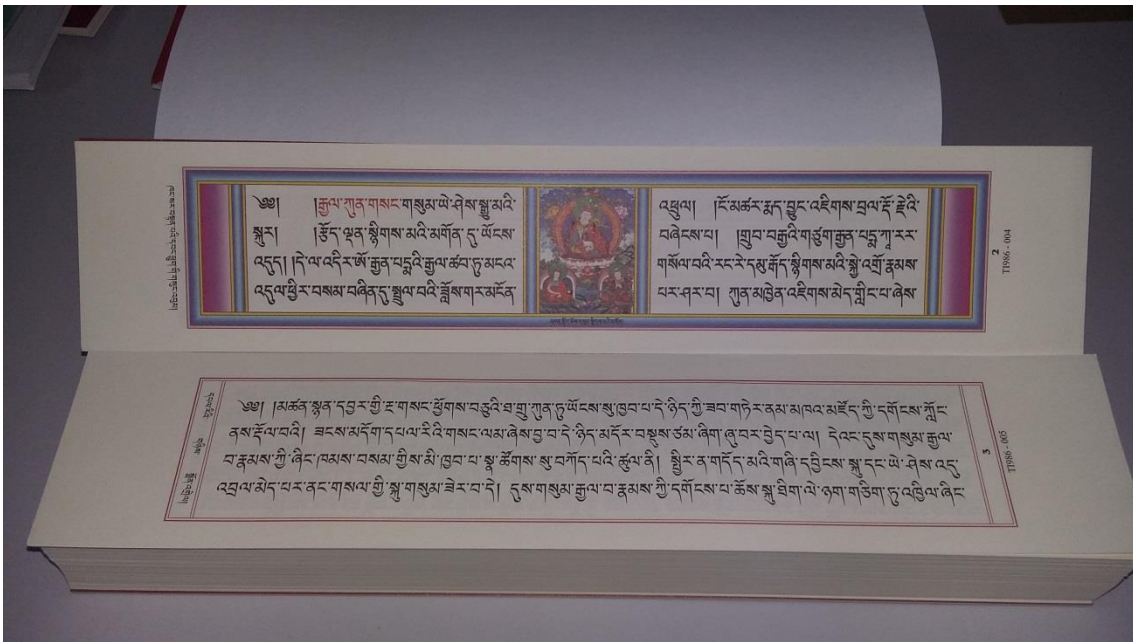
Puja Completa de Tara Vermelha (ChagdudGompa – Três Coroas/RS) – mantra de Tara Vermelha



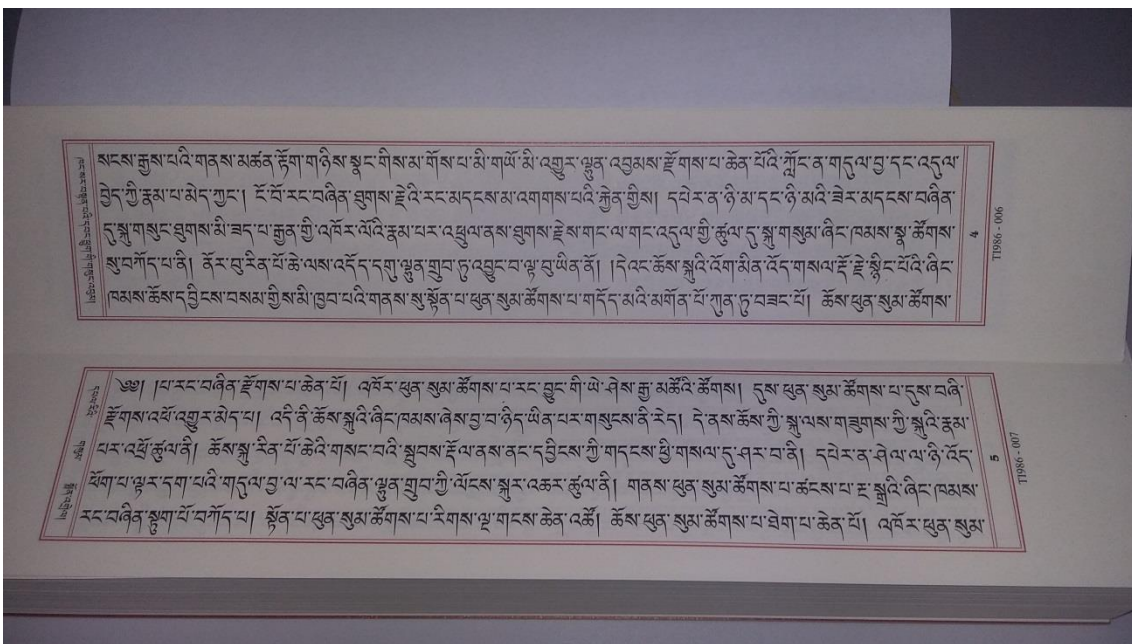
Puja Tibetana de Tara Vermelha



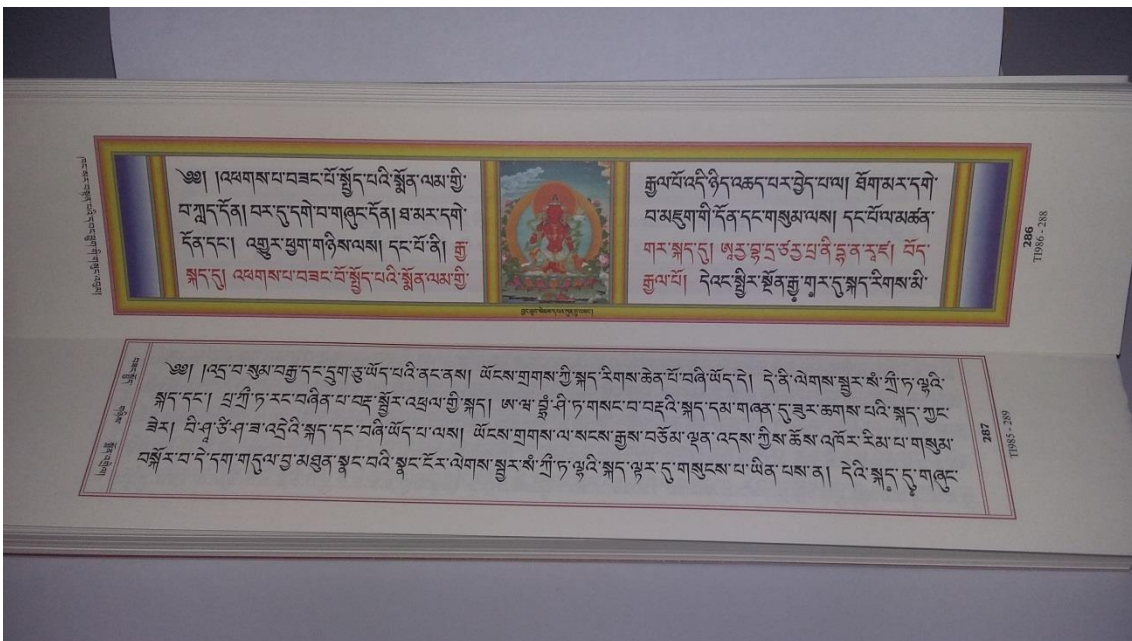
Puja Tibetana de Tara Vermelha – Abertura de mandala



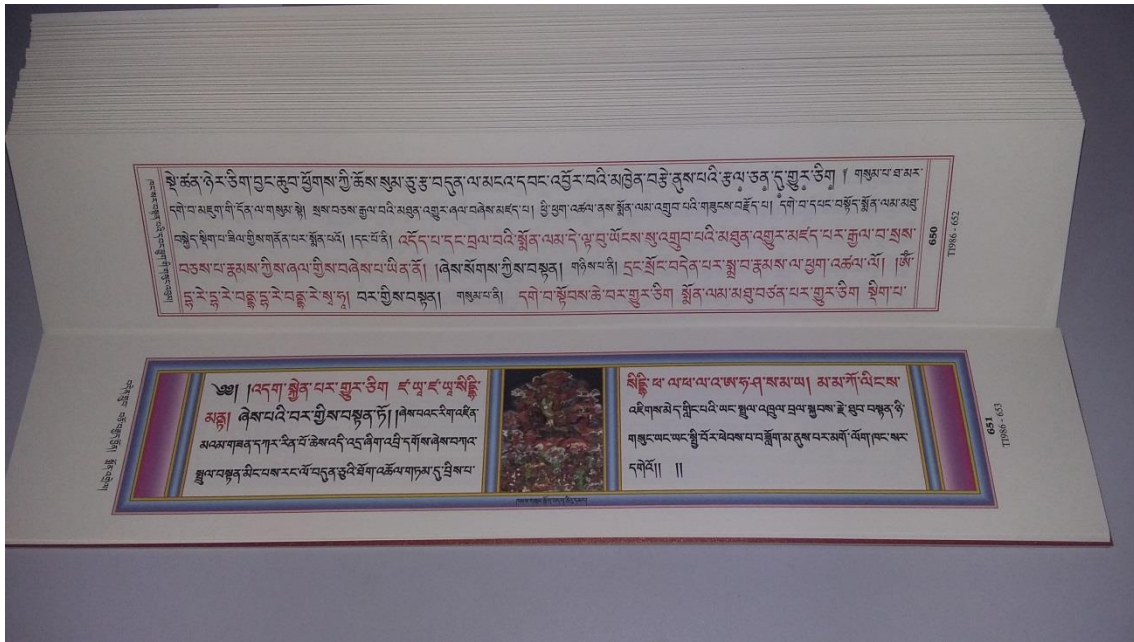
Puja Tibetana de Tara Vermelha – Prece das Sete Linhas



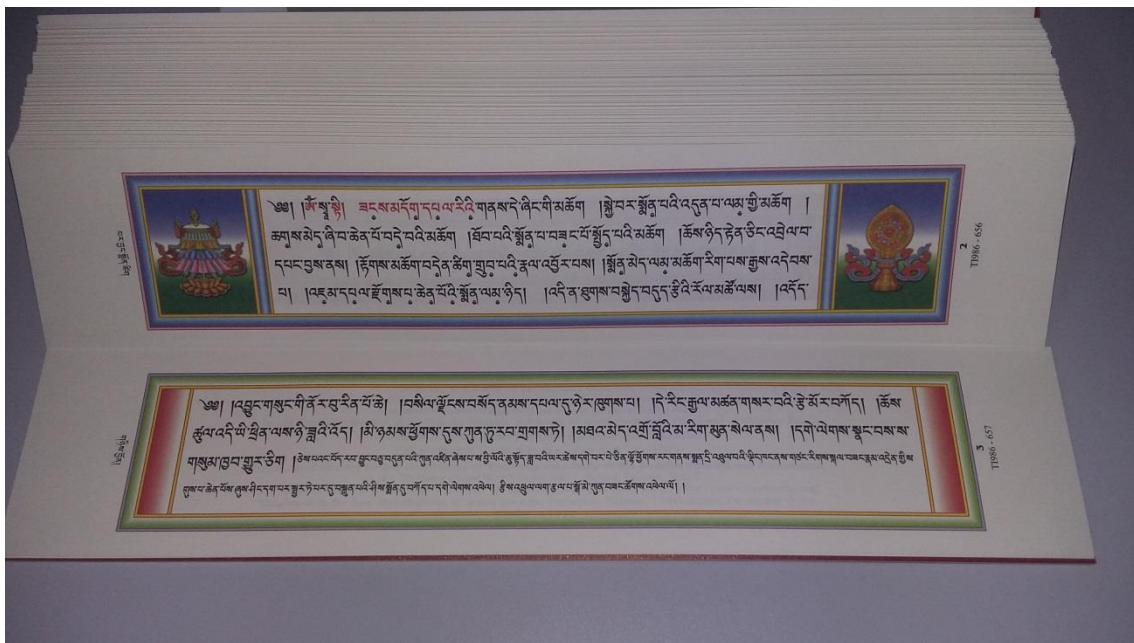
Puja Tibetana de Tara Vermelha – Oferenda a Tara Vermelha



Puja Tibetana de Tara Vermelha – Prece a todas as Taras



Puja Tibetana de Tara Vermelha – Fim do Rito de Tara Vermelha



Puja Tibetana de Tara Vermelha – Dedicção de Méritos

REFERÊNCIAS

PUJAS UTILIZADAS

Puja de Tara Verde. Brasília. Centro Budista Kagyu Pende Gyamtso (KPG).

Puja Libertação da Dor. Preces e pedidos para as vinte e uma Taras. Nova Tradição Kadampa.

Puja de Tara Vermelha. ChagdudGompa. Três Coroas.

Puja Meditations on White Tara. FPMT

BEYER, Stephen. *Magic and Ritual in Tibet. The Cult of Tara*. Delhi. MotilalBanarsidass. 2001.

DUDKA, Nick; LUETJHANN, Sylvia. *A Prática Da Meditação Tibetana*. São Paulo, Pensamento, 2009.

GONÇALVES, R M; MONTEIRO, J; REDYSON, D (Orgs.) *Antologia Budista*. São Paulo. Fonte Editorial. 2015.

GYATSO, GesheKelsang. *Coração de sabedoria*. São Paulo. Tharpa Brasil, 2005.

KHADRO, Chagdud. *Comentários sobre Tara Vermelha*. Três Coroas. Makara. 2009.

MIPHAN, Joamgon. *Lótus Branco. Uma explicação da Prece das Sete Linhas de Guru Rinpoche*. Teresópolis. Lucida Letra, 2014.

MOSTEIRO BUDUSTA TIBETANO SAKYA TSARPA THUTEN. Disponível em: <http://www.sakyabrasil.org/Sakya_Trizin_Brasil_2011/tara_branca.html> acesso em: 10/04/2016.

RAMM-BONWITT, I. *Mudras as mãos como símbolo do Cosmos*. Ed Pensamento, São Paulo: 2015.

REDYSON, Deyve. *Schopenhauer e o Budismo*. João Pessoa, Ideia, 2012.

_____, Deyve; MENDES, Amanda. *A Prática de Tara no Budismo Tibetano*. In REDYSON, Deyve (Org.) *Budismo Tibetano: História, filosofia e prática*. João Pessoa. Editora Universitária. 2015.

RINPOCHE, Bokar. *Tara. The Feminine Divine*. São Francisco. ClearPonit Press. 2007.

RIMPOCHE, Gonsar. *La Energia Femeninadel Tantra. Madre Tara*. Barcelona. Ediciones Amara. 1996.

SAMTEN, Lama. *Mãe de todos os Budas*. In. *Revista Bodisatva*, Viamão, n. 10, 1997.

SCHMIDT, Lawrence K. *Hermenêutica*. Petrópolis, Vozes, 2012.

YESHE, Lama Thubten. *Tara, la energia femenina que libera*. Madrid. EdicionesDharma. 2006